

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

FERNANDA SANTANA RABELLO DE CASTRO

**A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DE MULHERES NO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL (1922-1958)**

Porto Alegre

2024

FERNANDA SANTANA RABELLO DE CASTRO

**A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DE MULHERES NO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL (1922-1958)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em nível de Mestrado, na linha de pesquisa Museologia, Museus e Coleções: História, Teoria e Métodos.

Orientadora:

Profa. Dr^a Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Carlos André Bulhões

Vice-Reitora Patricia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Ana Maria Moura

Vice-Diretora Vera Regina Schmitz

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Coordenadora Ana Carolina Gelmini de Faria

Coordenadora substituta Anna Paula Moura Canez

CIP - Catalogação na Publicação

Castro, Fernanda Santana Rabello de
A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DE MULHERES NO MUSEU HISTÓRICO
NACIONAL (1922-1958) / Fernanda Santana Rabello de
Castro. -- 2024.
110 f.
Orientadora: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Museologia . 2. Educação museal. 3. Mulheres. 4.
Gênero. 5. Concepções pedagógicas. I. Faria, Ana
Carolina Gelmini de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Rua Ramiro Barcelos, 2705, sl.203
Bairro Santana - Porto Alegre - RS CEP: 90035007
Telefone 51 3308-2163
E-mail: ppgmuspa@ufrgs.br

FERNANDA SANTANA RABELLO DE CASTRO

**A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DE MULHERES NO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL (1922-1958)**

Defesa de dissertação no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Museologia, Museus e Coleções: História, Teoria e Métodos

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (UFRGS)

_____ |

Prof^o Dr^o Luciana Conrado Martins (Sesi-Lab)

Prof^a Dr^a Andrea Costa (UNIRIO)

Prof^a Dr^a Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS) - Orientadora

Para minha menina Frida, que não cansou de me perguntar “por que você precisa de mais um mestrado, mãe?” e ainda assim teve a compreensão de me ajudar a realizar mais esse desafio.

AGRADECIMENTOS

Iniciei este trabalho em 2022, após passarmos pelo pior tormento de uma Pandemia internacional, estando ainda em meio a um governo destruidor de sonhos e ceifador de vidas, o que obrigou-me, em primeiro lugar, a agradecer por estar viva. Sobreviver foi um ato de resistência e um ato coletivo.

Nessa sobrevivência, os planos de fazer um segundo mestrado foram pensados em um contexto bem diferente do que o que me traz agora ao momento da defesa. Se antes imaginava poder frequentar aulas, visitar o Rio Grande do Sul, casa da universidade que me acolheu no curso de mestrado em Museologia e Patrimônio, as condições da vida me limitaram, por diversas razões, a permanecer no Rio de Janeiro, durante boa parte do curso, e depois em Brasília, minha residência atual.

Nesse novo caminho, em que de educadora museal passei a coordenadora técnica do Museu Histórico Nacional, em seguida, a diretora substituta deste museu e, atualmente, Presidenta do Instituto Brasileiro de Museus, muitos têm sido os companheiros de jornada, que vêm me permitindo seguir adiante na tarefa de chegar ao fim desta pesquisa e aos quais devo meus maiores agradecimentos. Minha orientadora, Carol Gelmini, que com toda paciência e compreensão do mundo me proporcionou, além de grandes oportunidades de aprendizagem, o acolhimento necessário em diversos momentos de grandes desafios.

Meus colegas do Museu Histórico Nacional, que num giro colaborativo geriram junto comigo o museu, como um organismo vivo e pulsante, em que sobraram aventuras, mas não faltou disposição de trabalho e competência.

Meus companheiros de luta e gestão no Ibram, com um agradecimento especial àqueles que me proibiram de desistir, Maria Angélica e Michel Correia.

Meus amigos e família, para quem sobra pouco tempo, mas não falta paciência para estarem presentes sempre que preciso.

Às maravilhosas professoras, esse grupo fantástico de mulheres, que fazem o mestrado da UFRGS acontecer e com quem tanto aprendi nos últimos meses, numa partilha de conhecimentos e experiências. À professora Luisa Gertrudes um agradecimento especial, por permitir a mim e outros colegas fazer a experiência de uma disciplina híbrida, quando achávamos que teríamos que abandonar o curso. Aos colegas, sempre dispostos a ajudar, que fizeram o caminho mais leve. Às professoras

Zita Possamais e Ana Cristina Audebert, que fizeram uma primeira leitura deste texto, indicando rumos e reflexões que o levaram a novos horizontes.

À professora Vanessa Barrozo Teixeira Aquino, da UFRGS, às inspiradoras colegas e amigas de profissão, Andrea Costa e Luciana Martins, presentes no momento final da avaliação.

À Frida, meu raio de sol e inspiração diária.

*“Mãe, e se todas as mulheres do Afeganistão
forem na rua de uma só vez para protestar? Aí,
não vai ter polícia suficiente pra prender elas.”*

Frida, 2024.

RESUMO

Este trabalho aborda o estudo da atuação pedagógica de mulheres no Museu Histórico Nacional, entre 1922 e 1958, tendo como objetivo identificar as concepções pedagógicas presentes no trabalho educativo realizado nesta instituição. Para isso, analisou parte da produção intelectual das profissionais Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Porto e Barros e Dulce Cardozo Ludolf, identificando, nas concepções pedagógicas observadas e na produção textual analisada, rupturas, permanências e influências na constituição das atuais bases da educação museal no Brasil, tendo como referência a Política Nacional de Educação Museal. São analisados textos publicados nos Anais do Museu Histórico Nacional, a Política Nacional de Educação Museal e uma literatura multirreferencial que relaciona Museologia, Educação e questões de gênero. Identificou-se a Escola Ativa como base das concepções pedagógicas das Conservadoras do Museu Histórico Nacional, além das suas projeções para a educação museal que apontaram para a constituição de referências e subsídios para as políticas públicas contemporâneas, que apontam especialmente para relações entre o trabalho pedagógico dessas intelectuais e a Política Nacional de Educação Museal.

PALAVRAS-CHAVE

Museologia; Educação museal; Mulheres; Gênero; Concepções pedagógicas.

ABSTRACT

This work approaches the study of the pedagogical performance of women in the National Historical Museum, between 1922 and 1958, aiming to identify the pedagogical conceptions present in the educational work carried out in this institution. For this, it analyzes part of the intellectual production of professionals Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Porto e Barros and Dulce Cardozo Ludolf, identifying in the observed pedagogical conceptions and in the analyzed textual production, ruptures, permanences and influences in the constitution of the current bases of museum education in Brazil, with reference to the National Museum Education Policy. Texts published in the Annals of the National Historical Museum, the National Museum Education Policy and a multi-referential literature that relates Museology, Education and gender issues are analyzed. The Active Learning was identified as the basis of the pedagogical conceptions of the Conservators of the National Historical Museum, in addition to their projections for museum education that pointed to the constitution of references and subsidies for contemporary public policies, which point especially to relationships between the pedagogical work of these intellectuals and the National Museum Education Policy.

KEYWORDS

Museology; Museum education; Women; Genre; Pedagogical concepts.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Produção intelectual de mulheres no MHN (1922-1958)	16
Quadro 2. Levantamento de referências sobre a interseção entre educação museal e a questão das mulheres	38
Quadro 3 - Relação quantitativa entre trechos dos textos analisados e princípios e diretrizes da PNEM	58
Quadro 4. Atuação pedagógica de mulheres no MHN: produção intelectual, concepções pedagógicas e relações com a PNEM	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Seminário Regional da Unesco Sobre a Função Educativa dos Museus, 1958	24
Figura 2 - Fotografia de formatura da turma de 1947 com Sigrid Porto de Barros no destaque	25
Figura 3 - Fotografia dos participantes do Seminário Regional da UNESCO de 1958, realizado no Rio de Janeiro, que contou com a presença de Dulce Ludolff e Nair de Carvalho	45
Figura 4 - Encontro Nacional de Educação Museal - EMUSE. 6 a 8 de julho de 2023.	105

LISTA DE SIGLAS

CECA - Comitê para Ação Educativa e Cultural

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

GPEM - Grupo de Pesquisa Educação Museal: conceitos, história e políticas

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus

ICOM - Conselho Internacional de Museus

MHN - Museu Histórico Nacional

NUMMUS - Núcleo de Memória da Museologia no Brasil

PIBIC/Ibram - Programa de Iniciação Científica do Instituto Brasileiro de Museus

PNEM - Política Nacional de Educação Museal

REM - Rede de Educadores em Museus

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DE MULHERES NO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL	14
2 MULHERES, MUSEUS E EDUCAÇÃO MUSEAL	35
2.1 Pioneiras da educação museal no Museu Histórico Nacional e suas concepções pedagógicas	42
3 EDUCAÇÃO MUSEAL DO MHN ONTEM E HOJE: PONTES COM A PNEM	56
3.1 Comparação entre conteúdos dos trabalhos intelectuais das conservadoras e dos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal	56
3.2 Nair, Sigride e Dulce: contribuições para a educação museal - da prática à política	80
3.2.1 Papel educativo do Museu Histórico Nacional, de Nair de Moraes Carvalho..	80
3.2.2 O museu e a criança, de Sigrid Porto de Barros	86
3.2.3 A mensagem cultural do museu, de Sigrid Porto de Barros	91
3.2.4 Nova diretriz para o museu, Dulce Cardozo Ludolf	94
4 À GUIA DE CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS	106

1 ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DE MULHERES NO MHN

Esta dissertação dá continuidade a pesquisas acadêmicas anteriormente realizadas no campo da educação, integradas à minha prática profissional em museus e ao desenvolvimento e estudo de políticas públicas, teorias e práticas em educação museal.

Sou educadora museal desde 2010, tendo atuado nas ações educativas do Museu da Chácara do Céu e do Museu Histórico Nacional (MHN). Sendo graduada em História, mestre e doutora em Educação, tenho debruçado-me sobre trabalhos práticos e teóricos no campo da educação museal, abordando temas que vão desde as políticas públicas, passando pela sistematização, planejamento, execução e avaliação da prática educativa em museus, chegando a investigações e formulações teóricas.

Combinada à trajetória acadêmica e profissional, minha atividade política iniciou-se no movimento estudantil, sindical e social. Nesse contexto, atuei no movimento feminista no Rio de Janeiro, o que me levou aos estudos de gênero, ainda nos primeiros anos do século XXI. No campo dos museus, tenho participado da Rede de Educadores em Museus (REM), no Rio de Janeiro e em sua composição nacional, e do Comitê para Ação Educativa e Cultural (CECA) do Conselho Internacional de Museus (ICOM). No Ibram, integrei a equipe que liderou o processo participativo de construção da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)¹ entre 2010 e 2017.

No ano de 2022, após uma mobilização ensejada pelos servidores do MHN, cuja narrativa está apresentada no capítulo do livro *Museologia e Patrimônio*, intitulado “Os desafios de gerir um museu centenário em tempos de obscurantismo: o caso do Museu Histórico Nacional”², escrito por mim e pela historiadora Aline Montenegro, tive a experiência de estar na gestão de um museu do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), inicialmente ocupando cargo de chefe da Divisão Técnica do MHN, depois atuando como substituta na direção do mesmo museu, tendo a oportunidade, então, de atuar como gestora.

¹ IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: Ibram, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em 31 de março de 2022.

² MAGALHÃES, Aline Montenegro; CASTRO, Fernanda Sanatana Rabello de. Os desafios de gerir um museu centenário em tempos de obscurantismo: o caso do Museu Histórico Nacional. *In*: MAGALHÃES, Fernando, et al. **Museologia e Patrimônio**, v.9. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Politécnico de Leiria, 2023, p.351-383.

Em 2023, com o início do terceiro governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, após 6 anos de desmontes das políticas públicas, especialmente as culturais, após nova iniciativa de mobilização, que contou com a forte atuação dos servidores do Ibram, alcançando os mais importantes segmentos do setor museal, fui indicada para ocupar, como a primeira mulher e servidora do Ibram, o cargo de Presidenta deste instituto, em que estou até o momento de escrita desta dissertação.

Nos entrecruzamentos desses caminhos, venho realizando, há cerca de seis anos, uma pesquisa sobre Mulheres na Educação Museal, tendo como principal objeto de investigação a atuação de profissionais no Museu Histórico Nacional. Tal atividade incorporou desde o início as ações do Grupo de Pesquisa Educação Museal: conceitos, história e políticas (GPEM), vinculado ao diretório do Ibram no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o qual liderei entre os anos de 2018 e 2022 e que agora tornou-se o grupo de pesquisa sobre o tema da Educação Museal do Ibram, sendo liderado pelo colega João Andrade.

Nesse contexto, tive a oportunidade de relacionar-me com maior proximidade e entrar em contato com pesquisas de diversas áreas, tais como a Museologia, o Turismo, a História e a Pedagogia, entre outras. Ainda nesse âmbito, orientei uma estudante de graduação em Museologia, Larissa Caroline Martins, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq-Ibram (PIBIC/Ibram), entre 2018 e 2019. Entre 2021 e 2022 orientei ainda nesta temática, uma estudante do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal Fluminense, Luciana Lage, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), contando com uma bolsa de Iniciação Científica.

De maneira a esclarecer que não há neste trabalho uma apropriação do trabalho intelectual das bolsistas vinculadas à pesquisa desenvolvida no âmbito do GPEM/MHN, destaco que os resultados do trabalho realizado no contexto do PIBIC/Ibram já foram publicados, sendo aqui utilizados na forma de citação³.

³ Do mesmo modo, no que diz respeito à pesquisa de IC realizada com o apoio da FAPERJ, estabeleceu-se uma separação entre os conteúdos desenvolvidos nesta proposta de mestrado e no trabalho da referida bolsista, cujos dados não foram publicados, devido à interrupção da bolsa e da orientação, ocorridos após a aluna aproveitar outra oportunidade de pesquisa. Aqui foram analisadas as concepções pedagógicas presentes no trabalho intelectual de conservadoras do MHN, comparando-as à PNEM. Em sua pesquisa, a bolsista Luciana Lage analisou as práticas educativas destas conservadoras, à luz das concepções pedagógicas identificadas em seus textos. No quadro empírico apresentado como apêndice desta dissertação, que foi elaborado em colaboração, será possível identificar em vermelho as contribuições da bolsista e em lilás minhas contribuições ao debate.

Em parte da pesquisa⁴ já realizada no Museu Histórico Nacional, juntamente com a bolsista Larissa Caroline Martins, identificamos a atuação de um conjunto de mulheres Conservadoras de Museus⁵ que realizaram ações educativas⁶ entre 1922 e 1958. Dentre elas, algumas publicaram artigos nos Anais do Museu Histórico Nacional, num total de 55 textos (Quadro 1).

Quadro 1 - Produção intelectual de mulheres no MHN (1922-1958)

Nome	Quantidade de artigos nos Anais
Nair de Moraes Carvalho	8
Jenny Dreyfus	8
Octavia de Castro Corrêa	6
Fortunée Levy	6
Yolanda Marcondes Portugal	5
Dulce Cardoso Ludolf	4
Nilza Maria Vilela Botelho	4
Sigrid Pôrto de Barros	4
Marfa Barbosa Vianna	3
Gilda Marina de Almeida Lopes	3
Ecyla Castanheira Brandão	2
Maria Laura Ribeiro	1
Therezinha de Moraes Sarmento	1

Fonte: Relatório de Pesquisa, PIBIC Ibram, bolsista Larissa Caroline Martins, 2020.

⁴ Os resultados dessa pesquisa podem ser conferidos em: CASTRO, Fernanda Sanatana Rabello de; MARTINS, Larissa Caroline. Mulheres na Educação Museal: notas sobre a sua presença no Museu Histórico Nacional entre 1922 e 1958. *In*: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). **Sociomuseologia: para uma leitura crítica do Mundo**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2021, p. 181-204. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/sociomuseologia_leitura_critica_mundo-com_capa_final-rev_carolina-copiar.pdf. Acesso em 31 de março de 2022.

⁵ As mulheres diplomadas no Curso de Museus, criado em 1932, no Museu Histórico Nacional, autodenominavam-se “Conservador de Museus”, com redação no gênero masculino, como se vê nas notas e assinaturas de alguns de seus artigos. Tal situação pode justificar-se por ser esse o termo adotado pela instituição em sua documentação e ser este o cargo público ocupado por estas mulheres. Na documentação institucional da época, todas aparecem como “o conservador”, seguindo-se seus nomes.

⁶ São elas: Anna Barrafatto; Dulce Cardoso Ludolf; Ecyla Castanheira Brandão; Fortunée Levy; Gilda Marina de Almeida Lopes; Gilda Pereira Reis; Jenny Dreyfus; Marfa Barbosa Vianna; Maria Eliza Carrazoni; Maria Eneada Rodrigues Vieira; Maria Laura Ribeiro; Naile Ferro de Almeida; Nair de Moraes Carvalho; Nilza Maria Villela Botelho; Octavia Correa dos Santos Oliveira; Sigrid Porto de Barros; Stella Maciel D’Avila e Yolanda Marcondes Portugal.

Entre estes, destacam-se textos que já vêm sendo usados como referência na educação museal brasileira e nos estudos sobre sua história, como “Papel Educativo do Museu Histórico Nacional”, da conservadora Nair de Moraes Carvalho (1957) e “O museu e a criança” e “O papel cultural do museu”, da também conservadora Sigrid Porto de Barros (1958, 1964). Destaco ainda o artigo “Nova diretriz dos museus”, de Dulce Cardozo Ludolf (1964), em que a conservadora considera que os museus ocupam um destacado lugar no plano educacional da época. Esse foi o recorte bibliográfico e de mulheres que analisamos neste projeto.

A professora Ecléia Thiesen (1995), no artigo “Memória institucional: um conceito em definição” defende que é fundamental, para o desenvolvimento do que chama de uma memória institucional, a definição de caminhos para a sua organização e que tais caminhos deveriam ser fundados numa política de memória voltada para ação, que visa alcançar dois objetivos fundamentais:

- 1) Organizar o acervo histórico (bibliográfico, arquivístico e museológico, etc.) de modo a preservar as informações que as instituições e seus agentes produzem; 2) Divulgar (transmitir, disseminar) a memória institucional através de ações específicas (programas, projetos) não apenas no interior da(s) própria(s) instituição(ões), mas também no âmbito das sociedades nas quais se inserem. E esta divulgação precisa ser feita através de programas comprometidos com a memória histórica e não nos estreitos limites da história oficial discriminatória (p.45).

No sentido de divulgar o papel destacado destas mulheres - realizado por elas na condição social de mulheres - numa perspectiva não discriminatória, como de reconhecer seu protagonismo no campo da educação museal brasileira, faz-se necessário especificar que o recorte documental desta dissertação são as publicações do MHN mencionadas, mas que existem outras publicações e mais material elaborado por estas mulheres em outros lugares, como no Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que concentra grande acervo documental, e também em trabalhos acadêmicos cujos resultados são publicados em revistas, como no caso do texto da professora Ana Carolina Gelmini de Faria (2021), publicado na *Revista Estudos Ibero-americanos*, intitulado “Sigrid Pôrto de Barros: uma intelectual mediadora no campo dos museus”, em que a autora analisa texto da educadora publicado em outro material que não os Anais do MHN.

Além de realizarem publicações, essas mulheres juntaram-se a outras, como Jenny Dreyfus, Octavia Correa dos Santos Oliveira, Fortunée Levy e Nilza Botelho na atuação educativa, acompanhando grupos - escolares ou não - em suas visitas ao museu⁷, além de terem atuado como docentes no Curso de Museus, o embrião do primeiro curso de graduação em Museologia do Brasil. Mas por que o estudo específico sobre a atuação de mulheres é importante para o campo da educação museal?

Em sua tese de doutorado, a educadora Iloni Seibel-Machado (2009) identificou algumas temáticas presentes em trabalhos acadêmicos na área de museus e educação, produzidos entre 1980 e 2006, sendo eles: Filosofia/Política Educacional, Avaliação, relação museu e escola e Setor Educativo. É possível observar que escapam desse levantamento os estudos sobre a relação entre gênero e educação museal nos museus. Os estudos de gênero no campo da Museologia iniciaram-se por volta da década de 1990 (Vaquinhas, 2014), porém apenas nas últimas décadas vêm sendo desenvolvidos no Brasil (Brulon, 2019).

As professoras Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira e Marijara Souza Queiroz, em artigo de 2017, mencionam pesquisa de Oliveira et. al. (2010), que realizou levantamento nas matrizes curriculares dos 14 cursos de graduação em museologia existentes no período, não tendo sido identificada nenhuma disciplina relativa a gênero ou feminismo, até então. Hoje é possível identificar disciplinas optativas com conteúdos afins, mas o cenário de então não apresenta muitas diferenças.

Irene Vaquinhas (2014), pesquisadora portuguesa, aponta justificativas relevantes para a realização dos estudos de gênero na Museologia:

Tornar visível o protagonismo feminino aos níveis museal e patrimonial é também entendido como um ato de justiça e um passo em frente na construção de uma sociedade mais justa, que aplica os conceitos de igualdade de gênero, de inclusão social e de democracia participativa (Rechena 2011, 239). Por outras palavras, a museologia de gênero não é neutral e contém uma dimensão interventiva que valoriza a equidade social e a luta contra estereótipos dando visibilidade às mulheres e às suas realizações (Vaquinhas, 2014, p.2).

Parto desse entendimento, de que os estudos de gênero na Museologia contém uma dimensão de intervenção necessária para dar visibilidade às mulheres e suas

⁷ Essa e outras informações sobre a prática educativa de mulheres no Museu Histórico Nacional podem ser observadas em relatórios no Arquivo Institucional da instituição.

realizações no campo museal. Ainda nesse rumo faz-se necessário o reconhecimento de identidades autorais, isto é, reconhecimento das condições sociais (e de gênero) que fundaram a prática educativa nos museus. Como nos destaca o professor Francisco Régis Lopes Ramos (2011):

A defesa da identidade pressupõe a defesa do passado. Quando um grupo de pessoas se define em um espaço cultural com fronteiras definidas, há necessariamente requerentes de acontecimentos fundadores e de determinados jogos de continuidade. O passado é assediado e funciona como deferimento para as lutas do presente, legitimando-as de uma maneira radical (p. 21).

A partir da colocação de Ramos (2011) sustento a ideia de que a educação museal assume forte influência das condições de produção e vida das mulheres que atuam neste campo, desde sua fundação até os dias atuais. Ainda na perspectiva do reconhecimento e da identidade, remeto à Nancy Fraser (2006), que aponta para a necessidade de que

Ao invés de simplesmente endossar ou rejeitar o que é simplório na política da identidade, devíamos nos dar conta de que temos pela frente uma nova tarefa intelectual e prática: a de desenvolver uma teoria crítica do reconhecimento, que identifique e assuma a defesa somente daquelas versões da política cultural da diferença que possam ser combinadas coerentemente com a política social da igualdade. Ao formular esse projeto, assumo que a justiça hoje exige tanto redistribuição como reconhecimento (p. 231).

E é nessa perspectiva que proponho aqui que o reconhecimento da atuação das mulheres educadoras do MHN se dê destacando seu papel de co-fundadoras da educação museal no Brasil, ao lado de muitas outras mulheres, como Bertha Lutz e Regina Real⁸. Nessa visão, entendo também a educação museal aplicada por estas mulheres não como prática educativa mecânica, derivada de manuais ou intuitiva, mas como uma ação consciente, embasada nos referenciais teóricos que essas mulheres defendiam e que se pretendeu identificar, a partir da ideia de concepções pedagógicas

⁸ Bertha Lutz foi militante feminista e política brasileira, cientista e educadora no Museu Nacional e escreveu um relatório de viagem realizada na década de 1930 aos Estados Unidos da América, onde visitou mais de 50 instituições em uma vivência profissional, tendo este material sido publicado pelo Museu Nacional em 2008, no livro "A função educativa dos museus". Referência: LUTZ, Bertha Maria Julia. **A função educativa dos museus**. Organizadores: Guilherme Gantois de Miranda, Maria José Veloso da Costa Santos, Silvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

Regina Monteiro Real foi museóloga no Museu Nacional de Belas Artes e na Casa de Rui Barbosa, tendo contribuído para o desenvolvimento da museologia, da educação museal e de políticas públicas, com publicações como "O museu ideal" e "Binômio: museu educação". Referências: REAL, Regina Monteiro. Binômio: museu e educação. Rio de Janeiro, 1969. REAL, Regina Monteiro. **O Museu ideal**. Belo Horizonte: Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, 1958.

presentes na Teoria Pedagógica de Dermeval Saviani que apresentaremos mais à frente.

Em artigo que apresenta a necessária relação entre Educação e Museologia, a museóloga Gabriela Figurelli (2011, p. 126) aponta que a identidade, sendo afirmação política e social, "[...] auxilia no processo de conscientização social do indivíduo e, conseqüentemente, contribui para a constituição de uma sociedade formada por cidadãos críticos e atuantes". Esse, certamente, é o mote da produção intelectual das mulheres aqui apresentada e que pode ser vista na proporção em que essa produção feminina deu-se, destacadamente, nos Anais do MHN.

A pesquisadora Raquel Villagrán, em sua tese de doutorado intitulada "Reverberando as musas: Perspectivas sobre a representação feminina em museus, em Museologia e Patrimônio a partir da atuação dos egressos da Carreira. Museus dos anos 30, 40 e 50", ao analisar a presença de mulheres nas publicações de museus no Brasil, nos aponta que:

A análise de produção dos Anais por gênero demonstra que esta acompanhou os números de formação por gênero do Curso de Museus. Isso quer dizer que a publicação foi uma área de oportunidade para as conservadoras de museus e que o MHN, entre essas décadas analisadas, não mediu esforços, nem manifestou distinção de gênero, em suas pesquisas científicas através de seu acervo. Se contarmos as publicações entre 1945 e 1953, anos que coincidem com o aumento de formação de mulheres no Curso de Museus, temos 61,2% de artigos de autoras mulheres, contra 38,8% de autores homens. O que mais nos chama atenção, além da predominância feminina nestas publicações, é o fato de que, diferente dos casos mencionados no âmbito internacional, aqui, as autoras, ainda que abordando diferentes assuntos ou categorias de acervo, todas acompanham um perfil de formação único, destacando não apenas a multidisciplinaridade do Curso de Museus, mas também a certificação de um campo majoritariamente feminino (2022, p.150).

Villagrán (2022) demonstra que a presença feminina na produção intelectual dos museus aumentou conforme também aumentou sua presença no Curso de Museus, único espaço de formação profissional existente até a década de 1970, para a Museologia no Brasil. A autora destaca os números da presença feminina, mas também aborda as temáticas presentes nesta produção intelectual, identificando, por exemplo, que foi a partir das mulheres que surgiram as primeiras pesquisas científicas abordando a temática da mulher no sentido de gênero associando a acervos museológicos, com, por exemplo, o texto de Fortunée Levy "As mulheres e as armas", publicado nos Anais do MHN em 1943. Esse trabalho pioneiro também deve ser lembrado e destacado, especialmente quando a presença das mulheres nos diversos

campos dos museus e da Museologia demorou tanto a ser novamente tratado a partir do olhar científico.

Analisando exposições de museus, Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira (2018) questiona a ausência feminina:

O problema da negação ou da omissão do gênero nos museus liga-se à intencionalidade das práticas realizadas por essas instituições e dentre outros problemas evidencia seu papel na construção relacional da configuração do que seja a performatividade das identidades feminina e masculina. A negação do gênero nos museus não significa que essa problemática não esteja presente nessas instituições (porque ela está presente mesmo quando ausente, ou seja, quando não é assumida), mas revela a falta de intencionalidade dessas instituições em lidar com essa dimensão das relações humanas (p.22).

Considero que as observações de Audebert (2018) são também pertinentes no que diz respeito aos demais processos museais, desde a pesquisa até a educação museal. A intencionalidade de lidar com questões sobre a mulher nos museus deve estar presente em todas as suas ações. Uma instituição que não propõe como conteúdo de suas ações as questões de gênero, possivelmente também não faz uma reflexão sobre as condições de trabalho e existência das mulheres que nela atuam e vice-versa.

O trabalho de mulheres, como a conservadora do Museu Histórico Nacional, Nair de Moraes Carvalho, bem como de outras, é abordado em diferentes perspectivas no campo da Museologia. Apesar de não apresentarem necessariamente uma perspectiva de gênero, o destaque a mulheres aparece em alguns trabalhos. Observa-se que, entre eles, há os que abordam, anunciam ou analisam a perspectiva pedagógica.

É o caso do artigo do professor e ex-diretor do MHN, Paulo Knauss (2011, p.585), intitulado *A presença de estudantes: o encontro de museus e escola no Brasil a partir da década de 50 do século XX*, em que afirma que “[...] a década de 1940 se confirmou como a década em que a museologia se afirma como campo intelectual no Brasil”, apresentando uma análise da produção intelectual da época, incluindo-se a de conservadoras do Museu Histórico Nacional.

Ainda na perspectiva de análise da produção sobre educação museal da primeira metade do século XX, o artigo da professora Ana Carolina Gelmini de Faria (2014), *Educação em museus: Um mosaico da produção brasileira em 1958*, apresenta um quadro da produção realizada até a realização do Seminário Regional

da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1958 - que considero aqui como uma das bases da educação museal nacional.

É também no já mencionado artigo intitulado *Sigrid Pôrto de Barros: Uma intelectual-mediadora no campo dos museus* (Faria, 2021), que a autora aborda a trajetória profissional desta conservadora do Museu Histórico Nacional é apresentada em sua perspectiva pedagógica.

Já no início do século XXI, Maria Margaret Lopes (2008) nos apontava a necessidade de iluminarmos o lugar da mulher na educação museal, quando apresentou a trajetória de Bertha Lutz no Museu Nacional. Corroborando, Cícero Almeida, no artigo *A função educativa dos museus de Bertha Lutz uma peça (quase) esquecida do quebra-cabeça da museologia no Brasil*, de 2013, também chama à atenção para uma invisibilidade do trabalho educativo da cientista e feminista.

Quase 20 anos depois dos alertas de Lopes, Larissa Caroline Martins (2021), em monografia apresentada na conclusão do curso de Museologia da UNIRIO, intitulada *MULHERES NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO MUSEAL: a trajetória e influência das educadoras Bertha Lutz, Sigrid Pôrto de Barros e Regina Monteiro Real*, nos mostra que avanços nos estudos de gênero na educação museal ainda são esperados.

Entre os anos 2022 e 2023, o Ibram realizou a *Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros: um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal – Pesquisa Educação Museal Brasil (PEMBrasil)*⁹, que é uma ação desdobrada da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) e que “teve como objetivo a produção de informações para gerar subsídios para a implementação, a avaliação e eventuais revisões da PNEM”.

No Painel Analítico da pesquisa é possível obter dados sobre o perfil das pessoas educadoras do campo museal, que nos confirmam algumas impressões difundidas nos museus e entre seus estudiosos há tempos. Alguns deles se relacionam com a expressiva presença das mulheres entre profissionais atuantes na educação museal, bem como a constante relação entre museus e escolas.

⁹ Painel da PEM-Brasil pode ser acessado no endereço: <https://obec.ufba.br/pesquisa-educacao-museal-brasil/painel-de-dados-pem-brasil-ibram/#:~:text=Realizada%20entre%202022%20e%202023,um%20Fa%20profissional%20da%20educacao%20C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 24 de abril de 2024.

A PEM Brasil (Ibram, 2023) teve 1.153 respondentes, sendo 484 respostas de indivíduos, 454 respostas de museus representados por gestores e 215 respostas de museus representados por profissionais de educação museal. As mulheres cisgênero são 62% das respondetes da pesquisa e é relevante ainda pontuar que 23% do total de respondentes possui graduação completa, 25% possui especialização, 25% possui mestrado e 11% possui doutorado, o que indica um elevado grau de formação entre profissionais da área, sendo 61% que possuem pós graduação.

Os estudos acerca da participação de mulheres na construção do campo da educação museal são necessários, nesse caso em que se comprova a majoritariedade da presença feminina entre profissionais do campo, não somente para identificar as possíveis relações de gênero que constituíram essa edificação, mas também para promover o reconhecimento de suas agentes e seu trabalho pedagógico. Nesse sentido, é também relevante a identificação de quais são as influências e tendências que podemos atribuir a este trabalho.

A respeito da construção da educação museal como campo prático e teórico, a tese de doutorado de Luciana Conrado Martins (2011), *A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia*, apresenta uma análise histórica e teórica minuciosa de como a educação museal se apresenta em termos de concepções pedagógicas no mundo e, em especial, em três museus brasileiros. Essa pesquisa inspira a pensar sobre quais concepções pedagógicas influenciaram ou podem ter derivado da atuação de mulheres na constituição da educação museal brasileira.

Nesse sentido, as questões que motivaram o pensamento a respeito da produção pedagógica intelectual e prática de mulheres no Museu Histórico Nacional são:

- (1) Quais as concepções pedagógicas que podemos identificar em suas produções intelectuais?
- (2) Como sua atuação profissional contribuiu para a conformação do campo da educação museal?
- (3) As concepções pedagógicas que embasam essa atuação estão ainda presentes na realidade do campo e de suas políticas públicas, em especial, podendo ser reconhecidas na Política Nacional de Educação Museal (2017)?

Ao buscar as respostas dessas questões, imagino ser possível promover o reconhecimento do papel de mulheres como Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Porto de Barros e Dulce Cardozo Ludolf na constituição histórica da educação museal no Brasil e, assim, promover também a valorização da atuação e protagonismo de mulheres no desenvolvimento desse campo na atualidade. Lembrando que, ao identificar com as mulheres uma forte atuação nessa construção, é imprescindível pontuar a forma e as condições com que mulheres, de diferentes cores, classes e orientações sexuais - entre outras marcas de identidade - atuam. Seguem imagens das mulheres que serão alvo desta dissertação.

**Figura 1 - Seminário Regional da Unesco Sobre a Função Educativa dos Museus, 1958.
Destaque para Dulce Cardozo Ludolf e Nair de Moraes Carvalho**



Fonte Imagens: Arquivo NUMMUS/UNIRIO/ Sá; Siqueira, 2007, p.97.

Figura 2 - Fotografia de formatura da turma de 1947 com Sigrid Porto de Barros no destaque



Fonte: Sá; Siqueira, 2007, p.97.

O recorte escolhido atende um período que vai desde a fundação do Museu Histórico Nacional, em 1922, até o ano em que foi realizado, no Rio de Janeiro, o Seminário Regional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre a Função Educativa dos Museus, que contou com a participação de algumas dessas mulheres, além de ter-se tornado um dos principais marcos da educação museal no Brasil e no mundo, a partir da publicação de seu relatório final, que, entre outros assuntos, apresenta a necessidade dos museus terem em suas equipes os então denominados “pedagogos de museus”. É neste período que observamos a publicação de textos sobre educação museal nos Anais do Museu Histórico Nacional, elaborados por suas conservadoras. Nessa perspectiva, apresenta-se como **objetivo geral** da pesquisa:

- Identificação de concepções pedagógicas presentes no trabalho educativo intelectual das profissionais Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Porto e Barros e Dulce Cardozo Ludolf, no Museu Histórico Nacional no período entre 1922 e 1958.

Como objetivos específicos, delineiam-se:

- Análise da produção intelectual relacionada à educação museal, de mulheres profissionais do Museu Histórico Nacional no período entre 1922 e 1958, dando visibilidade ao seu trabalho;
- Identificação, nas concepções pedagógicas observadas e na produção textual analisada, de rupturas, permanências e influências na constituição das atuais bases da educação museal no Brasil, tendo como referência a Política Nacional de Educação Museal.

Para alcançar estes objetivos, fez-se necessário abordar o atual estado da arte acerca dos temas da educação museal e da relação entre gênero e Museologia, produzindo interfaces possíveis.

Importa destacar a perspectiva a partir da qual me propus a cumprir essa tarefa, não sem antes mencionar a perspectiva metodológica que perpassou a realização desta pesquisa.

Segundo Heloisa Helena Martins (2004, p. 291) “a metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica”. A partir dessa visão, e tomando uma análise qualitativa das fontes e conteúdos apresentados, de maneira a alcançar os objetivos apresentados, a leitura que aqui se apresenta, do trabalho intelectual das mulheres que atuaram pedagogicamente no MHN, é feita a partir da transversalidade entre museologia, educação e gênero.

Martins nos esclarece, a respeito da pesquisa qualitativa, que:

É preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la (MARTINS, 2004, p. 292).

Neste sentido, considerando teorias e conceitos entrelaçados nas áreas do conhecimento que perpassam esta pesquisa, buscamos nos textos produzidos por estas mulheres os elementos que indiquem concepções teóricas e conceituais que as

inspiraram, ao passo que, com teorias feministas e de gênero, buscamos analisar suas trajetórias e como seu trabalho intelectual se reflete nelas.

A respeito da interlocução entre museologia e gênero, Ana Cristina Audebert (2018), na tese intitulada *Gênero, mulher e indumentária no museu: a Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional*, apresenta um panorama dos estudos feministas, que aborda desde sua perspectiva teórica, referenciada no marxismo e na obra de diferentes pensadoras do campo do gênero, até as proposições do próprio fazer científico, no que diz respeito, inclusive, ao impacto social que os estudos de gênero têm demonstrado produzir.

Baseando-se na produção científica e no debate realizado por autoras como Sandra Harding e Donna Haraway, Audebert (2018) questiona a racionalidade, objetividade e a própria funcionalidade da ciência historicamente produzida [por homens] e aponta para a necessidade de reconhecimento de uma produção científica que reconheça os papéis sociais dos seus agentes:

A ciência sucessora proposta pelas teorias e epistemologias feministas admitem que os conhecimentos situados têm um ponto de partida e de produção e de que eles são a proposta epistemológica de localização e de consideração da contextualidade do conhecimento no quadro da sua produção. Nessa perspectiva, a objetividade na produção científica está pautada na parcialidade e no olhar contextualizado, o que vai de encontro aos falsos universalismos da ciência positiva vinculada a metanarrativa moderna patriarcal que busca verdades para legitimar-se (p.171).

Com inspiração neste debate, passamos aos seguintes itens desta dissertação afirmando que toda a discussão aqui presente e a forma como esta pesquisa foi realizada tiveram como base, além do referencial teórico a ser posteriormente apresentado, a consciência de que as motivações e pontos de vista aqui presentes estão estritamente ligadas à condição de mulher na sociedade capitalista e patriarcal em que vivemos.

Reforçamos ainda o reconhecimento, seja a partir da análise histórica da memória institucional do trabalho e da pesquisa dos museus que conhecemos, seja por experiência própria, que as mulheres ao ocuparem postos de gestão não necessariamente dedicam-se ou assumem uma perspectiva de gênero em sua atuação. Esse certamente não é o nosso caso, por isso esta pesquisa é também um compromisso com uma perspectiva profissional que visa a práxis feminista nos museus.

A respeito da questão de gênero aqui apontada, partimos do feminismo classista de orientação marxista, representado aqui por Heleieth Saffioti (1976, p. 8), a partir do entendimento de que há um “[...] cruzamento no modo de operação e das relações entre a determinação comum sexo e a determinação essencial do sistema capitalista de produção - a divisão da sociedade em classes sociais”.

Ainda sobre a questão da mulher, em relação ao gênero, Saffioti aponta para a necessidade de se abordar a questão da mulher e do próprio debate de gênero a partir da identificação do lugar do patriarcado na atual sociedade capitalista:

O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. Tratar esta realidade em termos exclusivamente do conceito de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, “neutralizando” a exploração-dominação masculina. Neste sentido, e contrariamente ao que afirma a maioria das(os) teóricas(os), o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito (Saffioti, 2009, p. 35).

Para Saffioti o uso do conceito de patriarcado remete ainda ao papel que o feminismo deve cumprir na sociedade, de realização de uma tarefa que é política:

O patriarcado ou ordem patriarcal de gênero, ao contrário, como vem explícito em seu nome, só se aplica a uma fase histórica, não tendo a pretensão da generalidade nem da neutralidade, e deixando, propositadamente explícito, o vetor da dominação-exploração. Perde-se em extensão, porém, se ganha em compreensão. Entra-se, assim, no reino da História. Trata-se, pois, da falocracia, do androcentrismo, da primazia masculina. É, por conseguinte, um conceito de ordem política. E poderia ser de outra ordem se o objetivo das (os) feministas consiste em transformar a sociedade, eliminando as desigualdades, as injustiças, as iniquidades, e instaurando a igualdade? (Saffioti, 2009, p. 35).

Pois como, já dito, um dos motes deste trabalho é justamente promover a tarefa política de reconhecer o papel de mulheres na conformação da educação museal como campo e prática profissional específica, sendo então fundamental compreender seu lugar na sociedade patriarcal.

A Museologia de Gênero, como apontam Vaquinhas (2014) e Brulon (2019), é um campo de estudos recente e a tarefa de desenvolvê-lo está colocada ainda em bases iniciais. Toma-se nesta pesquisa o ponto de vista apresentado por Reचना

(2011), em sua tese, em que a autora propõe o estudo de gênero a partir da Sociomuseologia. Apesar de identificar que essa corrente da museologia ainda não incorporou em seus estudos a questão do gênero de forma efetiva a autora propõe que:

Ao falarmos de gênero em sociomuseologia deparamo-nos com questões do foro da desigualdade social, da inclusão e da exclusão, do acesso ao usufruto dos bens patrimoniais, da construção das identidades de homens e mulheres e da preservação e valorização igualitária das memórias de ambos. Trata-se de questões sociais de largo espectro que encontram espaço de abordagem na sociomuseologia por se dedicar esta à sociedade contemporânea e tomar o ser humano e os seus problemas como o principal objeto de estudo, reflexão e de trabalho (p. 160).

Consideramos, assim, que o necessário posicionamento diante das questões de gênero e sua efetividade na busca por equidade na atualidade, somam-se à perspectiva da igualmente necessária compreensão do papel da opressão de gênero nas circunstâncias sociais e políticas e econômicas atuais, bem como da transformação da sociedade.

Entendemos que o papel da educação museal, no que diz respeito à realidade mais específica desse contexto, deve assumir a ideia do protagonismo das mulheres na constituição das suas bases. Nesse sentido, assumo o conceito de educação museal apresentado no Caderno da Política Nacional de Educação Museal:

A Educação Museal coloca em perspectiva a ciência, a memória e o patrimônio cultural enquanto produtos da humanidade, ao mesmo tempo em que contribui para que os sujeitos, em relação, produzam novos conhecimentos e práticas mediatizados pelos objetos, saberes e fazeres. [...] Neste contexto, a Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. Mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”, a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la (COSTA et. al., 2018, p. 74).

Compreendendo a educação museal em sua dimensão histórica, compreende-se, portanto, a ação educativa das mulheres do Museu Histórico Nacional no período citado.

Em texto publicado em 2020, no volume 1 da série de livros *Educação museal: conceitos, história e políticas - História da educação museal no Brasil & Prática político-pedagógica museal*, em co-autoria com a educadora museal Andrea Costa e o educador e pesquisador Ozias Soares, intitulado *Por uma história da educação*

museal no Brasil, apresenta-se a defesa de que a educação museal, enquanto uma perspectiva conceitual, engloba as ações educativas de museus historicamente desenvolvidas no Brasil:

Consideramos que a História da Educação Museal vem se construindo de forma não linear, com avanços e retrocessos, com características distintivas de algumas fases, mas que se apresentam de forma desigual ao longo dos 200 anos de museus do Brasil (2020, p.25).

Nesse sentido, são destacados três momentos de desenvolvimento da educação museal, enquanto uma concepção educacional dos museus, que têm como marcos: (1) a criação dos primeiros museus; (2) a institucionalização dos processos educativos por meio da criação de setores educativos e (3) o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, profissionais e das políticas públicas de educação museal.

A despeito de sugestões de que o uso do termo “educação museal” poderia ser anacrônico, apresentamos uma proposta conceitual de educação museal alicerçada nos debates e no reconhecimento do desenvolvimento histórico de uma pedagogia museal no Brasil, que considera que o acúmulo de conhecimento e de práticas educativas nos museus é constituinte de uma perspectiva teórica de educação museal.

A partir desta ótica, para analisar as Concepções Pedagógicas possivelmente presentes na prática educativa e na produção intelectual das profissionais do MHN, parto da categorização proposta por Dermeval Saviani (1999), considerando diferentes correntes epistemológicas que se caracterizam, em maior ou menor escala, como: (1) teorias não-críticas; (2) teorias crítico reprodutivistas e (3) teorias críticas. Segundo o autor (2005) a partir dessas teorias desenvolvem-se diferentes propostas pedagógicas e:

[...] do ponto de vista da pedagogia, as diferentes concepções de educação podem ser agrupadas em duas grandes tendências: a primeira seria composta pelas concepções pedagógicas que dariam prioridade à teoria sobre a prática, subordinando esta àquela sendo que, no limite, dissolveriam a prática na teoria. A segunda tendência, inversamente, compõe-se das concepções que subordinam a teoria à prática e, no limite, dissolvem a teoria na prática (p.1).

Há cerca de 100 anos, esses questionamentos encontraram lugar nas reflexões teóricas e práticas das conservadoras do MHN e hoje ainda têm seu espaço. Adeptas da educação pelo objeto, por vezes explicitando o referencial da Escola Ativa - que na teoria de Saviani encaixa-se na categoria da Pedagogia Nova - as conservadoras do

MHN moldaram os princípios de uma pedagogia museal. Importante frisar que as categorias de Saviani apresentam-se aqui como ferramenta analítica e não como caixinhas em que se pretendem alocar as produções das educadoras do MHN.

A respeito das concepções pedagógicas presentes na trajetória histórica de construção da educação museal no Brasil, os últimos 100 anos ainda guardam desafios e desdobramentos por vir.

Sendo assim, partindo das concepções identificadas no trabalho intelectual das conservadoras do MHN, busquei encontrar elementos que permitissem localizar tendências históricas do desenvolvimento da educação museal, entendendo-a como um conceito historicamente construído, multirreferencial, que carrega aspectos práticos e conceituais históricos e tarefas ainda por desenvolver.

Nessa ponte, a PNEM aparece também como uma síntese conceitual, e os termos e conceitos presentes no glossário do *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*, publicação de 2018, que apresenta o processo da construção dessa política e seus fundamentos teóricos, foi uma referência importante para compreender os efeitos de uma prática e reflexão pedagógica que também é já centenária no Brasil.

Para efeitos de análise das relações possíveis, rupturas e permanências entre as concepções pedagógicas presentes na produção intelectual das conservadoras do MHN, no recorte temporal escolhido, e a PNEM, coletamos informações tanto dos textos por elas publicados quanto do conteúdo da política. Esse conteúdo é apresentado no próximo capítulo.

Como esta pesquisa é derivada de investigação já iniciada no âmbito de meu trabalho profissional, que abrange a realização de pesquisas na área da educação museal, especialmente no que diz respeito à história da educação museal no MHN, os levantamentos de bibliografia e fontes já foram realizados nesse contexto.

Do universo de 55 artigos publicados por mulheres nos Anais do MHN, quatro foram selecionados e foram analisados, por apresentarem conteúdos estreitamente relacionados à prática educativa e cultural no museu, sendo eles:

- **Papel educativo do Museu Histórico Nacional.** Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v.8, p.18 - 30, 1947, de Nair de Moraes Carvalho;
- **O museu e a criança.** Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 9, p. 46-73, 1948 e

- **A mensagem cultural do museu.** Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 13, p. 219-230, 1952, de Sigrid Porto de Barros e
- **Nova diretriz para o museu.** Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 13, p. 191-202, 1952, de Dulce Cardozo de Carvalho.

Para análise dessa produção intelectual, de mulheres educadoras do MHN, foram considerados trechos que permitiram a identificação de concepções pedagógicas e possíveis relações de continuidades e rupturas destas com conteúdos da PNEM. Foram também buscados termos que possibilitem a identificação entre prática educativa e concepções pedagógicas presentes na atuação destas mulheres no MHN.

Para o desenvolvimento da pesquisa e alcance dos objetivos elencados neste projeto, foi realizado levantamento bibliográfico e de fontes, para posterior análise, bem como dispôs-se de dados e informações já produzidos no âmbito da pesquisa “Mulheres na Educação Museal”, que foi desenvolvida no âmbito do GPEM.

O levantamento bibliográfico aqui demonstrado considerou produções nas áreas da Museologia, educação museal, gênero e Pedagogia, para promover o entrecruzamento referencial necessário para atender à temática e objeto desta pesquisa.

As principais fontes primárias de consulta para levantamento e análise da produção textual das educadoras do Museu Histórico Nacional estão disponíveis na Biblioteca Virtual do Museu¹⁰, veiculada em seu sítio, virtualmente, sendo os Anais do Museu Histórico Nacional. Os referidos dados e informações produzidos na pesquisa mencionada estão disponíveis para consulta pública nos arquivos institucionais do GPEM, bem como na publicação *Sociomuseologia para uma leitura crítica do mundo*, organizada pelos professores Judite Primo e Mário Moutinho (2022).

A análise de material já disponível e previamente organizado contribuiu para a definição de quais foram as profissionais educadoras do MHN a terem seu trabalho intelectual analisado no intuito de identificarem-se concepções pedagógicas em sua atuação na educação museal.

Para efeitos de comparação de sua produção intelectual com as recentes políticas públicas de educação museal e concepções pedagógicas presentes em

¹⁰ Biblioteca Virtual do MHN: <http://www.docpro.com.br/mhn/bibliotecadigital.html>.

ações educativas museais, foram analisados especialmente: o *Documento Final da PNEM* (Ibram, 2017), o *Caderno da Política Nacional de Educação Museal* (Ibram, 2018); a *Portaria nº 605, de 10 de agosto de 2021, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal - PNEM e dá outras providências* (Ibram, 2021); artigos; teses e dissertações recentemente produzidos no campo da Museologia e da Educação e a documentação que estrutura o trabalho educativo do MHN, em especial sua Política Educacional, instituídas pela *Portaria nº 5 de 30 de janeiro de 2020*.

A Política Nacional de Educação Museal foi desenvolvida com liderança do Instituto Brasileiro de Museus em um processo participativo, realizado entre 2010 e 2017, culminando na publicação de uma portaria em 2017, revisada em 2021. A Política reúne em um conjunto de três eixos, 19 diretrizes que versam sobre aspectos da Gestão, da Formação, profissionalização e pesquisa e sobre a relação Museu e sociedade, no âmbito da Educação Museal. Esta pesquisa propõe uma correlação histórica entre esta política e o desenvolvimento histórico da educação museal a partir da colaboração das educadoras do MHN. Destacou-se nesse processo a atuação das Redes de Educadores em Museus, organizações não formais de profissionais da área que contribuíram para o conteúdo e o desenvolvimento de toda a política, inclusive insistindo na sua construção ao longo dos anos.

Convém esclarecer que, mesmo que essa investigação já tenha sido iniciada com a colaboração das estudantes Larissa Caroline Martins e Luciana Lage, por meio de orientação em Iniciação Científica no âmbito do CNPq e Faperj, essa dissertação desenvolveu-se dentro de limites éticos, sem a apropriação do trabalho autoral dessas colaboradoras. Toda a produção de dados e de informação foi realizada de forma colaborativa e tendo como base a divisão de tarefas entre pesquisadoras, porém as análises sobre o objeto específico aqui proposto diferem dos caminhos investigativos que as estudantes escolheram para suas próprias pesquisas.

Em seguida, na segunda seção, intitulada “Mulheres, museus e educação museal”, apresentamos uma breve trajetória das educadoras do MHN, relacionando sua produção intelectual relativa à educação museal, apresentando suas concepções pedagógicas a partir do uso da teoria da Pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani, utilizada aqui como ferramenta de análise.

É neste lugar que se coloca o reconhecimento da prática, das reflexões, da luta e da importância teórica e política da atuação dessas mulheres. Essas trajetórias, ao serem analisadas, confirmam, em nossa opinião, o destaque que a atuação

pedagógica de mulheres deve ter quando se aborda a construção histórica das políticas públicas de educação museal no Brasil.

Já na terceira seção, denominada “Educação museal do MHN ontem e hoje: pontes com a PNEM”, apresentamos a análise de alguns trechos dos artigos das educadoras do MHN à luz da teoria de Saviani, do mesmo modo, relacionando seus textos com o conteúdo da PNEM, de maneira a reconhecer o papel dessas educadoras na construção histórica do campo da educação museal no Brasil.

A partir do conjunto das análises e reflexões aqui apresentadas, convidamos os leitores para entrarem em contato ou aprofundarem seus conhecimentos sobre a participação de mulheres na constituição das bases práticas, teóricas e políticas da Educação Museal do Brasil. Esperamos, com isso, destacar sua contribuição, valorizando o protagonismo de mulheres desse contexto, que perdura nos dias atuais, para que, assim, a educação museal possa ser também um espaço de combate a toda forma de opressão, especialmente ao machismo, que ainda impõe obstáculos às mulheres nos seus campos de atuação, elaboração teórica e prática política.

2 MULHERES, MUSEUS E EDUCAÇÃO MUSEAL

A professora Maria Margaret Lopes (2006) em artigo intitulado *Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais*, afirma que:

Entre os temas que praticamente ainda não se inseriram na literatura brasileira sobre os estudos de museologia histórica - embora estejam presentes nas discussões internacionais, especificamente nos estudos de público em museus, por exemplo - estão as abordagens de gênero (p. 41).

O museólogo e professor Bruno Brulon reforça a necessidade de realização de estudos de gênero no campo da Museologia ainda hoje, em especial no Brasil:

Apesar de a Museologia no Brasil se configurar como um campo majoritariamente feminino, até o presente constatamos a ausência de narrativas nos museus e de estudos reflexivos na academia que assumam o gênero como questão estruturante. Tal paradoxo se dá muito mais por fatores simbólicos do que numéricos, como vêm mostrando, em diversas áreas, as teorias feministas que ainda não marcaram presença expressiva no seio da Museologia e dos museus. (Brulon, 2019, p. 21)

A afirmação de Brulon, que data de 2019, já não tem o mesmo sentido quatro anos depois. Diversos estudos, mesmo que ainda insuficientes se pensarmos nas necessidades de promoção da igualdade de gênero na Museologia, já vêm sendo realizados no Brasil. Após este primeiro momento de reflexões acerca da temática, localizado na segunda década do século XXI, trabalhos acadêmicos e uma produção realizada no âmbito dos museus e de sua articulação com a universidade têm abordado diferentes temas dentro das perspectivas de gênero.

Na tese já mencionada *Reverberando as musas: Perspectivas sobre a representação feminina em museus, em Museologia e Patrimônio a partir da atuação dos egressos da Carreira. Museus dos anos 30, 40 e 50*, Raquel Villagrán Seoane (2022) apresenta uma rica e densa reflexão sobre a presença das mulheres nos universos dos museus e da Museologia, passando pela sua presença na arte, na produção intelectual, na formação profissional, entre outras, promovendo uma análise que considera fatores sociais, políticos, culturais e econômicos, localizando o papel das mulheres no desenvolvimento da Museologia brasileira, tendo como base um panorama histórico do desenvolvimento dos estudos de gênero e como método também a observação sobre os diversos campos que atuação da Museologia.

A pesquisadora portuguesa, Aida Rechená (2014), no artigo intitulado *Museologia social e gênero*, nos apresenta o desafio de que a Museologia não só estructure pesquisas relacionando seu campo aos estudos de gênero, mas propõe que os museus, na aplicabilidade da Museologia Social, seja um agente social para transformar as relações de gênero na sociedade. Segundo a autora,

A museologia social, ao adotar uma metodologia interdisciplinar, recebe como consequência as influências dos estudos sobre o gênero realizados por outras ciências: história, antropologia, história da arte, arqueologia, sociologia, psicologia, comunicação etc. Estas ciências só recentemente começaram a trabalhar com uma perspectiva integrada de gênero e a utilizar esta categoria de análise, mas todas concordam que ao fazê-lo se viram perante uma revolução no seu campo do conhecimento (2014, p. 160).

Tal “revolução”, que alcançou o campo da Museologia apenas recentemente, encontra desde o princípio desafios particulares de seu universo, como o de dar conta das diversas articulações interdisciplinares que a própria museologia faz em seu contexto científico. Entre estes desafios está o de incluir a educação museal no escopo de abrangência desses estudos.

Sendo um campo científico em consolidação (Cazelli; Valente, 2019; Castro, 2018) a educação museal apresenta uma série de temas que ainda não foram alvo de pesquisas acadêmicas.

Buscas, no banco de teses da CAPES¹¹, apresentam 65 resultados para o termo “educação museal” e 113 resultados para o termo “educação em museus”. Quando combinados os com as palavras “gênero” e “mulheres”, não são encontrados resultados. Já no portal de periódicos da CAPES, a busca pelo termo “educação museal” encontrou 59 resultados e pelo termo “educação em museus” tivemos 96 resultados. Combinados às palavras “gênero” e “mulheres” são encontrados no primeiro caso três resultados e no segundo caso 1 resultado.

No portal Scielo, a busca pelo termo “educação em museus” apresenta 12 resultados, enquanto o termo “educação museal” apresenta cinco resultados. A combinação desses termos com as palavras “gênero” e “mulheres” não apresenta resultados.

Uma busca na plataforma Google Acadêmico permite encontrar resultados mais significativos. Usando o termo “educação museal” são encontrados 1.580 resultados e para “educação em museus”, 3.490 resultados. Combinados à palavra

¹¹ Pesquisas realizadas até 25/7/2023.

“gênero”, são encontrados 1.110 resultados, no caso do termo “educação em museus” e 619 resultados no caso do termo “educação museal”. Há de se considerar que a palavra gênero é compreendida não somente no seu sentido conceitual, relacionado às questões abordadas nesta dissertação, mas assume todas as suas variações possíveis: como gênero literário, com sentido de tipo ou espécie, com sentido de conjunto de mesma origem, entre outros. Importa ainda pontuar que, em termos conceituais, mesmo o conceito de gênero não trata exclusivamente da questão das mulheres, mas inclui também todo o universo queer, LGBTQ+, etc.

A combinação dos termos com a palavra mulheres, por sua vez, apresenta 569 resultados para o termo “educação museal” e 946 resultados para o termo “educação em museus”. Destaca-se que a forma de busca do Google Acadêmico considera não somente os termos e palavras presentes em títulos e resumos, mas em todo o corpo dos textos, o que aumenta significativamente os resultados, embora não apresentando de forma precisa os assuntos dos textos.

Na análise dos títulos e resumos foi possível identificar trabalhos recentes que abordam a relação entre gênero e Museologia e especificamente a relação entre museus, Museologia e mulheres, dentre uma variedade de temas: aquisição de acervos, realização de exposições, presença feminina nos museus e na gestão, entre outros. Desta forma, nesta plataforma foi adotada a combinação dos termos com a palavra “mulheres”, de maneira a objetivar a busca de resultados relevantes para esta pesquisa. Os trabalhos que abordam a questão das mulheres em relação à educação museal são mais limitados, mesmo quando é possível identificar na leitura de resumos apenas a menção ao tema, de forma tangenciada, como se vê no quadro 2 abaixo, de onde se nota também como são recentes as pesquisas identificadas.

Quadro 2 - Referências sobre a interseção entre educação museal e a questão das mulheres

Autoria		Título	Tipo	Ano
1	Maria Genoveva Moreira Oliveira	Educação nos museus de arte moderna e contemporânea portugueses: um lugar no feminino?	Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 2	2009
2	André Luiz Venâncio Junior	A concepção educativa do museu nacional por Bertha Lutz: itinerários, práticas e intelectualidade (1922-1933)	Comunicação Oral - X Seminário Nacional do HISTEDBR	2016
3	Valdemar de Assis Lima	Os museus sob o olhar das educadoras negras em Florianópolis: identidade, vivências e experiências nos espaços museais.	Comunicação Oral - XIII Encontro Nacional de História Oral	2016
4	André Luiz Venâncio Junior	A concepção de museu educativo na produção científica de Bertha Lutz no Museu Nacional (1922-1932)	Dissertação - PPGE UNIRIO	2017
5	Juliane Quinteiro Novo Osvaldo Sant'Anna Júnior Gabriela Bassan Piedade	Mulheres nas Ciências: as ações educativas do Dia Internacional da Mulher do Museu Histórico do Instituto Butantan	Capítulo - Rede de Redes - diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil	2017
6	Andrea Reis da Silveira	A constituição de representações das histórias das mulheres na musealização do Museu Julio de Castilhos (1995-1998): a agência das intelectuais mediadoras	Artigo - CLIO: Revista de Pesquisa Histórica	2019
7	João Pedro Fróis	The Emergence of Museum Education in Portugal: Madalena Cabral and the National Museum of Ancient Art	Artigo - The Museum Journal	2019
8	Maria Clara Martins Cavalcanti	Decisão, ruptura, opção: uma experiência sobre o papel social do Museu em prol da equidade de gênero	Artigo - Revista del Museo de Antropología 12 (2): 133-140, 2019	2019
9	Andrea Reis da Silveira	História das mulheres no Museu Julio de Castilhos (poas): presenças e ausências nos objetos documentados (1995-2010)	Tese - UDESC	2020
10	Karlla Kamylla Passos dos Santos, Camila A. de Moraes-Wichers	Gênero e Diferença na Educação Museal brasileira: provocações feministas sobre ausências e assimetrias	Capítulo - SOCIOMUSEOLOGIA: PARA UMA LEITURA CRÍTICA DO MUNDO	2021

11	Ana Carolina Gelmini de Faria	Sigrid Pôrto de Barros: Uma intelectual-mediadora no campo dos museus	Artigo - Revista Ibero-americana de Educação	2021
12	Karlla Kamylla Passos	Episódios de machismo cotidiano na Educação Museal - marcadores de gênero e sexualidade na relação entre museus e mulheres	Artigo - Anais do MHN, vol. 56	2022
13	Fernanda Castro, Inês Gouveia e Lilian Amaral	Apresentando o Dossiê "Mulheres e museus"	Artigo - Anais do MHN, vol. 56	2022
14	Fernanda Castro, Inês Gouveia e Lilian Amaral	Entrevista com Adriana Mortara Almeida, Maria Ignez Mantovani Franco, Marília Xavier Cury, Milene Chiovatto e Rosália Torrent Esclapes	Artigo - Anais do MHN, vol. 56	2022
15	Ana Carolina Gelmini de Faria Daphne Victoria T. G. da Silva	Christina Balbão: uma intelectual mediadora no campo dos museus	Artigo - Anais do MHN, vol. 56	2022
16	Inês Gouveia Priscila Faulhaber	Waldisa Rússio: uma museóloga social	Artigo - Anais do MHN, vol. 56	2022
17	Giovanna Silveira Santos Karlla Kamylla Passos dos Santos Leonardo Tavares Alencar Marina Neiva de Oliveira Milena de Souza Natália Dutra Costa Wynne Borges Carneiro	Inclusão, representação e pluralidade: uma proposta da Rede de Pessoas Educadoras em Museus de Goiás (REM-Goiás)	Artigo - Anais do Museu Histórico Nacional: v. 57 (2023)	2023
18	Karlla Kamylla Passos	Educação museal e feminismos no Brasil: silenciamentos, estranhamentos e diálogos a partir de um olhar interseccional e decolonial	Tese - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	2023

Fonte: Da autora, 2023.

Destaca-se ainda que, dentre os trabalhos identificados, nem todos versam especificamente sobre a relação entre museus, educação e a questão das mulheres, abordando esta última em relação a outros processos museais, como curadoria e realização de exposições, tangenciando ações educativas ou o tema da formação.

Ainda assim, recentemente, observa-se que algumas pesquisas têm-se direcionado para investigar as relações de gênero na educação museal, sob diversos aspectos e destacando, por vezes, a questão das mulheres. Em artigo de 2018, intitulado *Museologia, Feminismo e suas ondas de renovação*, a professora Camila Wichers parte da premissa de que a Museologia, enquanto campo voltado à preservação das memórias, tendo desenvolvido um ideário que culminou na Nova Museologia ou Sociomuseologia, possui elos com as lutas feministas que permitem tecer relações entre gênero e Museologia, que, num paralelo com as ondas feministas, podem identificar ondas de renovação da prática museológica.

A autora trabalha, baseando-se no pensamento da museóloga Cristina Bruno, com a ideia de que a museologia desenvolve-se num processo que se alicerça em uma pedagogia museológica, ou educação da memória, que:

[...] consistiria em um conjunto de procedimentos referentes à percepção e ao enquadramento dos indicadores da memória, a organização, tratamento e socialização dos suportes da memória, sendo decodificada, na contemporaneidade pelos estudos e práticas da disciplina Museologia (2018, p.141).

Citando Bruno, a Wichers afirma que essa autora quando

[...] traz a ideia da educação da memória, não se trata Museologia, feminismos e suas ondas de renovação de uma educação disciplinadora ou homogeneizadora, mas de uma educação que problematiza as memórias e as identidades no campo patrimonial e museológico e, sobretudo, de uma educação como ação transformadora por meio das experimentações próprias da cadeia operatória museológica. Essa noção do trabalho como transformador tem inspiração em Waldisa Rússio C. Guarnieri (2018, p.141-142).

Percebemos, assim, que também as trajetórias femininas e a produção intelectual de mulheres no campo da Museologia inspiram a realização dos estudos de gênero, bem como se destaca, na construção da relação entre Museologia e gênero feita por Wichers, a importância da Educação, que atua como amálgama dessa relação.

Em outro texto, de 2022, intitulado *Gênero e Diferença na Educação Museal brasileira: provocações feministas sobre ausências e assimetrias* que Wichers assina

com a professora Karlla Kamylla Passos dos Santos, as autoras seguem no apontamento desses elos que conectam Museologia, gênero e educação e afirmam que:

Como processo educativo voltado a potencializar as relações entre pessoas, coletivos e sociedade com os museus, bens culturais e memórias, a educação museal coloca-se como eixo particularmente significativo para discussões acerca das diferenças (2022, p.159).

A partir dessa premissa, identificam que um passo profícuo para esse debate é a apresentação de uma reflexão sobre as pessoas que atuam no campo. Nesse texto, Wichers e Santos (2022) analisam a participação feminina em reuniões organizadas pela REM Brasil e CECA-BR, no contexto da Pandemia de Covid-19. Para isso tecem relações entre educação museal e gênero, a partir de uma “[...] explanação sobre as relações entre gênero, feminismos, interseccionalidade e marcadores sociais das diferenças” (2022, p.160), tendo como objetivo final traçar “[...] a inclusão de corpos dissidentes na educação museal brasileira” (2022, p.160).

A partir dessa ideia, da inclusão de corpos dissidentes na educação museal brasileira, as autoras analisam a presença feminina na contemporaneidade. Alargado o período histórico, podem-se identificar inúmeras contribuições de mulheres para o desenvolvimento deste campo, como é o caso das conservadoras do MHN cujo trabalho aqui selecionamos investigar.

Wichers e Santos também trabalham juntas em outro texto recente. Em *Entre nós: leituras e olhares feministas sobre a representação das mulheres em narrativas arqueológicas e visuais*, de 2021, contam ainda com a co-autoria de Aluane Silva, Giovanna Santos, Luciana Alves, Paula Silva, Wynne Carneiro e Zilda Oliveira. O time de mulheres analisa a representação de mulheres em documentários, exposições, livros e histórias em quadrinhos, apontando para experiências de invisibilização e estereotipagem de corpos femininos, em casos de racismo, sexismo e outros vetores de normatização e opressão, por elas apresentados como episódios de violência simbólica.

Em sua conclusão, identificam a necessidade de difundir a participação das mulheres nas ciências e nas atividades em que se destacam dos estereótipos historicamente associados aos afazeres femininos. Desta forma, pode-se apontar para a necessidade de evidenciar o trabalho de mulheres no campo da educação e de sua produção intelectual, o que esta pesquisa também prevê.

No contexto específico do MHN e apresentando as mulheres que atuaram com educação museal em seus primeiros anos de atividade, o texto que resultou da pesquisa da bolsista Larissa Caroline Martins e que elaboramos juntas, publicado com o título *Mulheres na Educação Museal: notas sobre a sua presença no Museu Histórico Nacional entre 1922 e 1958*, traz elementos comprovativos das diferenças de gênero presentes na constituição da instituição, bem como do papel ativo de mulheres nesse contexto.

Nesse texto, derivado do relatório de pesquisa apresentado do PIBIC/Ibram, são apresentadas análises iniciais dos dados coletados por diferentes ferramentas e em diferentes fontes do Arquivo Institucional do MHN.

Fundado em 1922, por Gustavo Barroso, que o dirigiu em diferentes períodos, o Museu Histórico Nacional foi também a sede do primeiro Curso de Museus, criado em 1932, que formou as primeiras turmas de museólogas (então chamadas “Conservadores de Museus”), inclusive aquelas que posteriormente ocuparam lugar como docentes do Curso e como técnicas e educadoras no MHN.

Um exemplo das diferenças de gênero percebidas são os dados, cuja coleta visava identificar e quantificar a presença feminina no MHN, entre 1922 e 1958. Pudemos localizar a participação de 127 pessoas em pastas funcionais do Museu. Destas pessoas, 80% (102) eram homens e 19% (25) mulheres, sendo que 44% delas trabalharam diretamente com educação (realizando visitas mediadas, outras ações educativas com públicos, ou atuando no curso de museus como docentes e elaboradoras de materiais pedagógicos). Essas mulheres, porém, representaram 8% do total de trabalhadores do Museu no período.

Como veremos no subcapítulo a seguir, que trata do pioneirismo de conservadoras no que diz respeito a sua atuação pedagógica, a desigualdade constatada na proporção da presença de mulheres no MHN neste período não apaga, contudo, o seu protagonismo na produção teórica e prática dessas mulheres, que, sobretudo, teve reverberações seguintes na constituição do campo museal.

2.1 Pioneiras da educação museal do MHN e suas concepções pedagógicas

Sendo um dos primeiros museus do País e sede da criação do primeiro curso de formação da área, o Museu Histórico Nacional contou desde sua fundação, em 1922, com a participação ativa de mulheres no desenvolvimento da teoria e da prática

museológica, tendo sido algumas delas as primeiras formadas no Curso de Museus, criado em 1932, e as primeiras servidoras públicas da instituição.

Raquel Villagrán (2022), em sua tese de doutorado, apresenta dados sobre a presença de mulheres no Curso de Museus, entre 1939 e 1960, indicando que foram cerca de 70% dos concluintes do Curso, o que marcou a profissão durante muito tempo como um espaço essencialmente ocupado por mulheres. A partir da análise de dados das fichas de ingressantes, a autora também conclui que a maior parte dos estudantes do curso tinham origem na classe média baixa e alta, o que também exerceu influência sobre o perfil profissional dos museus na primeira metade do século XX. Seoane (2022) também aborda em sua pesquisa dados sobre o estado civil e a origem geográfica das mulheres ingressantes e formadas no Curso de Museus e apresenta hipóteses sobre essa presença majoritária feminina no curso e na profissão, indicando importantes fatores sociais sobre a questão das mulheres.

Tendo em vista a condição de ser mulher das três educadoras selecionadas para ter sua produção intelectual analisada, a pesquisa em tela foi motivada pela busca de alguns reconhecimentos no campo da Museologia e da educação museal: (1) as mulheres cumpriram (e ainda cumprem) papel relevante na construção conceitual e prática da sua área de atuação; (2) mulheres que atuaram no Museu Histórico Nacional tiveram papel relevante na formulação e realização de ações educativas e reflexões que permearam os debates do Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus, de 1958, realizado no Rio de Janeiro; (3) essas mulheres contribuíram para a concepção de uma proposta de educação museal que ainda está em construção no Brasil, mais de 60 anos após a realização do referido Seminário; (4) a educação museal brasileira desenvolve-se historicamente tendo como base a atuação de profissionais desde as primeiras décadas do século XX, com especial participação de mulheres, o que pode ser verificado na comparação da produção intelectual destas mulheres com os conteúdos da Política Nacional de Educação Museal, de 2018 e (5) a educação museal é uma importante ação de transformação social, que permite a inclusão, a formação integral e o desenvolvimento da cidadania.

Para isso, selecionamos a produção intelectual de educadoras do MHN e partimos das seguintes reflexões, para promover o reconhecimento do papel destas mulheres no desenvolvimento histórico da educação museal no Brasil possibilitando

também a promoção da valorização da atuação e protagonismo de mulheres no desenvolvimento desse campo em dias atuais:

- (1) Quais as concepções pedagógicas que podemos identificar em suas produções intelectuais?
- (2) Como sua atuação profissional contribuiu para a conformação do campo da educação museal?
- (3) As concepções pedagógicas que embasam essa atuação estão ainda presentes na realidade do campo e de suas políticas públicas, em especial, podendo ser reconhecidas na Política Nacional de Educação Museal (2017)?

A partir dessas questões foram selecionados os textos de Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Pôrto de Barros, e Dulce Cardozo Ludolf, dos quais partiram reflexões que colaboraram para o alcance de alguns dos objetivos aqui traçados, no que diz respeito à análise de conteúdo de sua contribuição ao campo da educação museal. Porém, para dar conta do reconhecimento dessas mulheres, faz-se necessário um passo importante que é uma breve apresentação de suas trajetórias. As informações a seguir foram compiladas no relatório da pesquisa realizada por Larissa Caroline, no âmbito do já mencionado projeto Mulheres na Educação Museal, do MHN, tendo sido recolhidas, especialmente, na publicação do professor Ivan Coelho de Sá e da pesquisadora Graciele Siqueira (2007), intitulada *Curso de Museus-MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*.

Figura 3 - Fotografia dos participantes do Seminário Regional da UNESCO de 1958, realizado no Rio de Janeiro, que contou com a presença de Dulce Ludolff e Nair de Carvalho



Fonte Imagens: Arquivo NUMMUS/UNIRIO.

Dona Nair¹², como é carinhosamente chamada no campo da Museologia, nasceu em 1914, em Salvador (BA) e faleceu em 2018, no Rio de Janeiro, para onde mudou-se ainda jovem, para estudar no British American School. Bibliotecária, formada pela Biblioteca Nacional em 1936 - curso que realizou por pressão do irmão, a conservadora tinha dupla formação, tendo sido a primeira aluna da turma de 1936 do Curso de Museus - formação que escolheu por gosto - e que foi nomeada interinamente para o cargo de Conservadora do MHN em 1937.

Na mesma época, traduziu a Carta de Atenas de 1931 para a Inspetoria de Monumentos Nacionais - MHN, dando origem a primeira versão para o português do documento *Conclusões da Conferência de Atenas sobre Conservação e Restauração dos Monumentos Históricos*, de 14 de dezembro de 1937. No mesmo período, elaborou o parecer *O método do duplo-museu*. Em 1940, foi nomeada conservadora do quadro permanente do Ministério da Educação e Saúde com atividade no MHN,

¹² A breve trajetória aqui apresentada foi elaborada no contexto da realização da pesquisa de iniciação científica de Larissa Caroline Martins, conforme previamente anunciado e aparece na íntegra do Relatório de Pesquisa PIBIC/IBRAM.

tendo sido a primeira mulher concursada para o cargo. Em fevereiro de 1946, realizou a primeira viagem de estudos de um egresso do Curso, tendo pesquisado o potencial educativo dos museus norte-americanos, numa ação cujo desenvolvimento e resultados ainda carecem de ser pesquisados.

Foi a primeira coordenadora do Curso de Museus, de 1944 até 1967, tendo ficado 23 anos no cargo. Foi professora de escultura nos anos de 1949-77 e chefe do Departamento de Arte em 1974. Na década de 1940, elaborou para o MHN os primeiros levantamentos de que se tem notícia relativos aos museus do mundo e do Brasil e participou também nas reformulações museográficas do MHN em 1955. Em 1965, foi membro da comissão responsável por apresentar um projeto de lei que tinha como objetivo a transformação do MHN em Fundação. Em 1966, foi presidente da Comissão que elaborou a reforma curricular do Curso de Museus e que criou o Conselho Departamental e os seguintes departamentos: Técnica de Museus, História do Brasil, História da Arte e Antropologia.

Foi representante do MHN junto ao Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, vinculado ao Ministério da Agricultura. Foi Vice-Diretora e Diretora substituta do MHN, nos anos de 1954-67, a primeira egressa do Curso a assumir estas funções e a primeira mulher a assumir, mesmo que interinamente, a direção do museu. Em 1977, aposentou-se após 40 anos de trabalho no MHN, 36 dedicados ao Curso de Museus.

Publicou os seguintes artigos nos Anais do Museu Histórico Nacional: *A jangada libertadora* (1940), *Os painéis dos Antigos Passos da Baía* (1941), *“O Barão da Vitória do Museu Histórico* (1942), *O capitão-mor do Itu* (1943), *A coleção Cotegipe* (1945), ***O papel educativo do Museu Histórico Nacional*** (1947), *Marcas de porcelana de Saxe* (1948), *As comemorações do septuagésimo aniversário do fundador do Museu Histórico Nacional* (1959) e *o Nascimento da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (1965). Publicou os seguintes livros, ambos editados pelo MHN: *Ponto de história da escultura* (1957) e *As comemorações do septuagésimo aniversário do fundador do Museu Histórico Nacional* (1959). Recebeu várias insígnias e distinções, entre elas a Medalha de Prata dos 25 anos do MHN (1947), Medalha comemorativa da inauguração do monumento Gustavo Barroso (1961), Medalha

comemorativa do bicentenário da Casa do Trem (1962) e medalha comemorativa dos 75 anos do MHN (1997)¹³.

De acordo com Raquel Villagrán Seoane:

Nair de Moraes Carvalho representou para o Curso de Museus, e também muito para o Museu Histórico Nacional (percurso que abordaremos posteriormente), uma linha divisória entre dois momentos decisivos: o de construção e o de consolidação. O fato de uma mulher ser a primeira pessoa a assumir o cargo de Coordenadora do Curso, representou e, de certa maneira, possibilitou uma tendência para a construção de um novo perfil de corpo docente do um curso em sua fase mais importante de fortalecimento no progresso gradativo até a universidade (2022, p. 106).

Sua trajetória demonstra uma sólida formação e dedicação ao campo, que se refletiram numa produção intelectual atenta a todas as funções do museu e que compreendia a educação como um dos seus alicerces. Nair de Moraes Carvalho publicou nove artigos nos Anais do MHN, e foi no volume 8, em 1947, que publicou o texto *Papel educativo do Museu Histórico Nacional*, artigo que é até hoje uma referência no campo dos museus.

O artigo foi fruto da viagem que a conservadora realizou para os Estados Unidos, em 1945, com recursos próprios, e onde conheceu instituições norte-americanas com objetivos de realizar visitas técnicas. O feito indicou sua dedicação ao campo, mas também nos permite observar que a forma como Dona Nair se colocava no mundo patriarcal contribuiu para sua trajetória profissional: uma mulher solteira, independente, sem filhos, que construiu uma carreira destacada na sociedade da época.

Ana Carolina Gelmini de Faria (2020), no artigo *Anais do Museu Histórico Nacional: um exercício de escrita no campo dos museus*, analisa brevemente o texto de Dona Nair:

A proposta da autora era analisar o papel da educação nos museus, se apropriando das referências mais recentes para a área, ações segundo ela já postas em exercício no Museu Histórico Nacional desde sua fundação, em 1922. Para esta proposta, a autora dialogou com a publicação *Musées et Jeunesse* (1952), do Conselho Internacional de Museus (ICOM), composto por estudos de Germanine Cart (Museu do Louvre), Molly Harrison (Museu Geffrye de Londres) e Charles Russel (Museu de História Natural de Nova Iorque), prefaciados por Peter Floud e Georges-Henri Rivière. A partir das referências de profissionais de museus da Europa, Inglaterra e América, Nair de Moraes Carvalho apresentou em um texto de 12 páginas algumas

¹³ Este trecho da biografia de Nair de Moraes Carvalho foi adaptado do relatório de pesquisa da bolsista Larissa Caroline Martins.

atividades educativas, ressaltando três possibilidades de idas escolares: dirigidas, com uma programação prévia estabelecida pelos conservadores; livres, realizadas com as indicações dos próprios professores; ou combinadas, dividida em dois momentos: uma visita dirigida para todo o grupo escolar e formação de subgrupos para estudos pontuais, posteriormente analisando os resultados de forma colaborativa. Segundo a autora, esta diversidade de visitas apresentadas internacionalmente era também encontrada no Museu Histórico Nacional (CARVALHO, [1947] 1957), muitas delas acompanhadas pelo próprio diretor da instituição, apontamento que evidencia a busca de apresentar os debates mais contemporâneos do campo e, em paralelo, aproximar da realidade da instituição a qual estava vinculada, inserindo as práticas brasileiras no campo dos museus (p.132).

Faria (2020) aponta ainda para a relevância do trabalho educativo do MHN no contexto mais amplo da educação, consideração presente no texto da própria Nair:

Ao encerrar o artigo Carvalho ([1947] 1957) analisa que desde sua fundação o Museu Histórico Nacional definiu seu caráter educativo, refletido em inúmeras visitas realizadas pelo público para conhecer e aprender na Casa do Brasil. Embora tenha enfrentado obstáculos resultantes de escassez de recursos, a autora destaca que a instituição contribuiu não só para a educação *in loco*, mas também na defesa das relíquias esquecidas de todo o país através de suas iniciativas de ampla repercussão, como a Inspeção de Monumentos Nacionais e o Curso de Museus, projetos que semearam, nas suas palavras, a irradiação cultural a partir do bem cultural (p. 132).

A afirmação de Nair Carvalho no final de seu texto, bem como a própria condição que levou /a sua elaboração, demonstram sua ação consciente na defesa e realização de ações educativas compreendidas como função do museu. Essa compreensão, não por acaso, também era compartilhada pela conservadora Sigrid Porto de Barros, que escreveu dois dos textos que são aqui analisados: *O museu e a criança* e *A mensagem cultural do museu*.

Sigrid Porto de Barros¹⁴ nasceu em 1928, no Rio de Janeiro, e faleceu em 1984. Formada na turma de 1949, do Curso de Museus, foi nomeada Chefe da Seção de História e Arte Retrospectiva - MHN, nos anos de 1953-68. Representou o MHN nas Comemorações do Tricentenário da Restauração Pernambucana, em 1954 e, em 1960, integrou a Comissão que coordenou a transferência de acervo do MHN para o recém-criado Museu da República, quando era chefe da Seção de História.

Em 1977, foi designada chefe da Seção de Pesquisa e Assistência Pedagógico-Museográfica da Divisão de Atividades Educacionais e Culturais do MHN, o que para Faria (2020, p.133) deu-se em decorrência de ter sido “uma das

¹⁴ A breve trajetória aqui apresentada foi elaborada no contexto da realização da pesquisa de iniciação científica de Larissa Caroline Martins, conforme previamente anunciado e aparece na íntegra do Relatório de Pesquisa PIBIC/IBRAM.

funcionárias que atuou de forma mais expressiva com o público, sendo recorrente sua citação nos relatórios anuais quando eram descritos o fluxo de visitação e atendimento”. Posteriormente, foi chefe da Seção de Pesquisa Museológica nos anos de 1978 até 1981, quando se aposentou. Foi coordenadora do Curso de Museus em 1967-68. Além dos textos aqui analisados, publicou os seguintes artigos nos Anais do MHN: *A condição social e a indumentária feminina no Brasil-Col nia* (1947), *Armas que documentam a guerra holandesa* (1949), e *Introdução ao estudo das armas defensivas* (1968), num total de cinco textos¹⁵.

Sobre o texto *O museu e a crianç a*, Ana Carolina Gelmini de Faria (2020) aponta que:

No início do artigo, a autora evidencia um importante dado para a compreensão de todo o pensamento das práticas educativas realizadas no Museu Histórico Nacional, na primeira metade do século XX: enfatiza que, se antes os museus eram somente órgãos de preservação e pesquisa, no momento estes passaram a se articular com a Pedagogia, sendo um dos melhores meios usados pela Escola Ativa (p.133).

As concepções pedagógicas que embasam o pensamento da autora aparecem de forma explícita em seus textos. Em *A mensagem cultural do museu* (1952), a autora defende sua concepção de museu em que a educação aparece como peç a fundamental, mais uma vez explicitada sua concepção pedagógica:

  compreensível que haja ensino sem auxílio dos museus e suas coleções (comunidades existem em nosso país que não possuem um simples museu regional!), mas é totalmente injustificável que existam museus dissociados dos planos educacionais vigentes, dentro dos modernos dit mes da “Escola Ativa” (BARROS, 1952, p.219).

Ana Carolina Gelmini de Faria (2021) destaca no artigo *Sigrid Pôrto de Barros: uma intelectual-mediadora no campo dos museus*, que em sua pesquisa identificou que Sigrid elaborou a tese intitulada *O Museu fala   Infância*, que foi apresentada no I Congresso Nacional de Museus, organizado pelo Comitê Nacional do Conselho Internacional de Museus (ICOM), em Ouro Preto, no período de 23 a 27 de julho de 1956, mas que não obteve sucesso ao tentar localizar o texto. A dedicação de Sigrid ao tema da educação marcou sua trajetória profissional e foi marcada também pela defesa de um projeto de educação para a sociedade que tinha nos estudantes o seu protagonismo e na educação popular uma inspiração.

¹⁵ Este trecho da biografia de Sigrid Pôrto de Barros foi adaptado do relatório de pesquisa da bolsista Larissa Caroline Martins.

Dulce Cardozo¹⁶ Ludolf (1921-2008) - que assina Dulce Ludolf Cury, após casada - foi classificada no concurso para cargos na carreira de Conservador promovido pelo DASP, com a tese *Período da História monetária brasileira - o numerário português aplicado à colônia do Brasil em 1942*.

Nomeada escrituária interina do Ministério da Educação e Saúde em 1943, logo depois foi nomeada conservadora deste Ministério e designada para a Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional em 1943. Transferiu-se para a Seção de Numismática do MHN em 1944, e tornou-se chefe em 1960. Foi professora conferencista de “Sigilografia e Filatelia” no Curso de Museus em 1965, de Numismática em 1967 e depois professora assistente desta mesma disciplina em 1968-70, professora assistente de Numismática Geral e do Brasil em 1972.

Tornou-se chefe do Departamento de Ciências Sociais do Curso de Museus em 1975, tendo sido bastante atuante na passagem do Curso de Museus do MHN para a UNIRIO. Atuou como Decana na universidade e foi co-fundadora da Associação Brasileira de Museologia, em 1963. Nos anais do MHN publicou sete textos, entre eles: ***Nova diretriz dos museus (1952)***¹⁷.

No artigo, Dulce considera os museus como espaços de pesquisa cujo acervo, expografia e formas de divulgação influenciam no aprendizado dos visitantes. De acordo com Faria (2020):

A pesquisa é dividida por Ludolf ([1952] 1964) em dois segmentos: a pesquisa do objeto e a pesquisa educacional. A pesquisa do objeto seria a primeira estratégia para o desenvolvimento da educação em museus, estabelecida, por esses agentes, como uma das atividades específicas do conservador de museus, uma vez que esse profissional aplicaria todos os seus conhecimentos, obtidos pela diplomação, na investigação do objeto na condição de patrimônio. A pesquisa educacional seria a ligação entre a pesquisa do objeto e a divulgação, tendo por interesse a organização das exposições. Endossaria o que Ludolf ([1952] 1964) denominou de divulgação visual (p.134-135).

A autora comenta ainda que:

Esse artigo, de 11 páginas, insere a educação como um caráter que atravessa o processo museográfico, que dá sentido à pesquisa e à divulgação. A publicação evidencia que a educação passou a ser validada no campo dos museus enquanto qualidade e função básica, característica que

¹⁶ A grafia do nome de Dulce Cardozo Ludolf aparece tanto com “s” quanto com “z”, em diferentes materiais e documentos. Sua produção intelectual também aparece em publicações com a assinatura “Dulce Ludolf Cury”.

¹⁷ Este trecho da biografia de Dulce Cardozo Ludolf foi adaptado do relatório de pesquisa da bolsista Larissa Caroline Martins.

vigorará no campo a partir da segunda metade do século XX (Faria, 2020, p.134).

Observa-se então que também no texto de Ludolf é possível identificar concepções pedagógicas, que partem da consideração principal de que o museu possui função educativa.

A partir dessas considerações é possível então tecer pontes entre os diferentes momentos do desenvolvimento da educação museal no Brasil, analisando as reflexões presentes entre suas as pioneiras dessa reflexão e o impacto ou semelhanças que têm na atualidade.

O ambiente intelectual em que as três conservadoras do MHN atuavam entendia a educação museal como parte essencial do processo de aprendizagem e apontava orientações para sua prática. Faria (2017), em sua tese de doutorado, coloca que:

Ao percorrer diferentes indícios dos debates entre profissionais brasileiros sobre educação em museus na primeira metade do século XX, foi identificada uma intensa colaboração dos agentes e agências para a consolidação do campo dos museus, em especial no que tange às práticas de educação em museus. Os capitais científicos, bem como as circulações e intersecções promovidas entre o campo dos museus e o da educação, estimularam a construção de domínios e práticas que os inseriram na condição de espaços para o aprendizado. Documentos da época evidenciaram um consenso de que o diferencial do aprendizado em museus era a educação visual (p. 171).

Nesse contexto, também, que, segundo autora:

Para efetivar essa operação, os profissionais que atuavam ou dialogavam com o campo dos museus tiveram por desafio elaborar estratégias de aprendizado pelo visível, na condição de patrimônio. O trabalho teórico-metodológico se concentrou em dois eixos: pesquisa e divulgação (Faria, 2017, p.178).

A tendência de focar o planejamento de sua atuação em ações que envolviam a pesquisa e a divulgação de objetos visando uma educação visual era orientada por Dulce Ludolf, intitulada como “pesquisa educacional” que, ainda segundo Faria, “seria a ligação entre a pesquisa do objeto e a divulgação” (2017, p.178).

A autora nos atenta também a outra perspectiva presente na atuação pedagógica do contexto da época: a educação para o povo. O museu, entendido como espaço de aprendizagem pelo objeto com objetivo de promoção da formação do povo, num sentido ainda complementar ao da escola, foi a forma como as educadoras e

intelectuais brasileiras, especialmente as aqui apresentadas, compreendiam o espírito da educação museal na época.

Essa compreensão foi traduzida na atuação educativa do MHN, que havia sido fundado já com uma missão educativa explícita, como vemos no trecho de Angela Telles:

A atuação do museu não se restringia ao papel de agência informal de educação pública. A repartição chega a reivindicar o papel de verdadeira assessoria, no que concerne ao uso cívico-pedagógico dos símbolos históricos. [...] O Museu Histórico Nacional, neste momento, cumpre a função de guardião e difusor da memória nacional que, no Império o Museu Nacional e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tinham desempenhado. [...] Os servidores do Museu Histórico Nacional parecem, decididamente, preocupados em marcar o lugar da instituição como agência educativa, mas sem pretender abdicar do papel de difusores dos valores cívicos ligados à Nação. (Telles, 1997, p.199-200).

A orientação pedagógica das conservadoras do MHN considerava, portanto, o museu como um espaço de aprendizagem ativa, que também pretendia dar-se de forma crítica, a partir da missão de difusão de valores cívicos.

O professor Dermeval Saviani, no conjunto de sua obra, desenvolve uma teoria da educação que propõe tanto um conjunto de categorias de análise voltadas para a compreensão da construção histórica do que chama de concepções pedagógicas, quanto é propositiva no sentido de apresentar uma teoria pedagógica, historicamente referenciada, que ao mesmo tempo deriva do desenvolvimento da educação como campo histórico e, ainda, se constitui como um material crítico desse desenvolvimento.

Após diferenciar a pedagogia (teorias da prática educativa) de outras ciências da educação (que por sua vez não se debruçam sobre a prática educativa), Saviani (2005) afirma que, de maneira geral, as diferentes formas em que a pedagogia se manifesta se agrupam entre propostas, por um lado, associadas à pedagogia tradicional e, de outro lado, à pedagogia nova. O trabalho de conservadoras do Museu Histórico Nacional, como as autoras já mencionadas, é, por exemplo, comumente associado às teorias pedagógicas da Escola Nova (Faria, 2017), em voga na primeira metade do século XX no Brasil, sendo comum encontrar em seus textos a menção à *Escola Ativa*.

Ainda sob as categorias de análise colocadas por Saviani (2005), as ações desenvolvidas no contexto do MHN, no período estudado, estariam de acordo com as concepções de uma Pedagogia Nova, inclusive por tratarem dos estudos da prática

educativa a partir da aprendizagem, em contraposição a uma pedagogia tradicional, que se orienta pelo estudo do ensino. Se na pedagogia tradicional as perguntas giram em torno do “como ensinar”, nas pedagogias novas o interesse foca nos questionamentos sobre “como se aprende”. Percebe-se, ainda neste contexto, que o foco de análise passa do protagonismo dos educadores para o protagonismo dos educandos.

Pois, nos textos a serem analisados nesta pesquisa, escritos pelas conservadoras do MHN na primeira metade do século XX, apresentam-se em diversos trechos questionamentos e justificativas que colocam o museu como um espaço de aprendizagem, particularmente apto a que se desenvolva a aprendizagem por meio da educação visual, por meio dos objetos, com a valorização dos conhecimentos dos públicos, especialmente aqueles infantis e que se relacionam com os museus a partir da escola.

Por um lado a Pedagogia Nova - na qual se enquadram, de acordo com a teoria de Saviani, as propostas da Escola Ativa - baseia-se na aprendizagem e não no ensino para desenvolver suas ações, o que representa um avanço crítico nas práticas e concepções pedagógicas da época das conservadoras do MHN.

Por outro lado, a perspectiva da educação para o povo, do mesmo período, está ainda longe de pensar o povo na sua diversidade, integralidade e dimensão de classe. Apesar de conter um fundo crítico, a perspectiva pedagógica das educadoras do MHN não constituía em si uma pedagogia museal, nem uma pedagogia crítica, como apresentada por Saviani (2005).

Isso não quer dizer, por sua vez, que sua atuação e concepções pedagógicas dessas mulheres não contribuíram para a pavimentação de um caminho propício para o desenvolvimento de uma perspectiva da educação museal de métodos mais emancipadores e focada na transformação social, como vemos hoje presente nas políticas públicas do campo, em especial na PNEM.

Dermeval Saviani, desenvolvendo uma exposição analítica sobre as concepções pedagógicas presentes no campo da educação desde a virada do século XIX para o século XX, apresenta a proposta de uma Pedagogia Revolucionária, que para o autor é crítica.

E, por ser crítica, sabe-se condicionada. Longe de entender a educação como determinante principal das transformações sociais, reconhece ser ela elemento secundário e determinado. Entretanto, longe de pensar [...] que a educação é determinada unidirecionalmente pela estrutura social,

dissolvendo-se a sua especificidades, entende que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade. Nesse sentido, ainda que elemento determinado, não deixa de influenciar o elemento determinante. Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade (Saviani, 2012, p. 65-66).

Saviani (2012) propõe uma pedagogia com o anúncio de uma metodologia que apresenta como ponto de partida a prática social, passando pelos passos da problematização, da instrumentalização - não num sentido tecnicista - e da catarse, para voltar a uma prática social mais qualificada.

No primeiro passo, da prática social inicial, os educadores e educandos apresentam níveis diferentes de compreensão (conhecimento e experiência sobre a prática social). Os primeiros detêm uma compreensão sintética precária, isso porque possuem uma certa articulação dos conhecimentos e das experiências que detêm relativamente à prática social (síntese), porém sem conhecer os níveis de compreensão dos educandos (por isso a síntese é precária). Já os segundos, por sua vez, apresentam um nível de compreensão que é sincrético: “[...] por mais conhecimentos e experiências que detenham, sua própria condição de alunos implica uma impossibilidade, no ponto de partida, de articulação da experiência pedagógica na prática social de que participam” (Saviani, 2012, p.71).

No segundo momento, sua proposta metodológica aponta para a problematização, que é a identificação dos problemas decorrentes da prática social: “Trata-se de detectar que questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar” (Saviani, 2021, p. 71).

O passo seguinte é a instrumentalização, que não remete a uma apropriação de instrumentos ou técnicas para no sentido educativo. Ao invés disso: “Trata-se da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem” (Saviani, 2012, p. 71).

A catarse é o quarto passo: momento em que com o conhecimento e as ferramentas necessárias para a compreensão dos problemas colocados pela prática social, chega-se à reflexão produtiva, em que se elaboram soluções: “Trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais transformados agora em elementos ativos de transformação social” (Saviani, 2012, p. 72).

Após o processo educativo, em que os passos pedagógicos são executados, não necessariamente de forma etapista, chega-se ao momento do retorno à prática

social, com finalidade de transformação da realidade apresentada no início do percurso. Nesse momento espera-se que os educandos passem do momento de síncrese para a síntese: “em consequência manifesta-se nos alunos a capacidade de expressarem uma compreensão da prática em termos tão elaborados quanto era possível ao professor” (Saviani, 2012, p. 72).

A proposta de Saviani (2012) organiza uma possível ação pedagógica, tendo sido elaborada para a realidade do ensino escolar. Apesar disso, pode servir como aporte para se pensar e analisar uma pedagogia museal e para organizar sua construção coletiva.

Nesse contexto, no capítulo a seguir, abordaremos a relação entre museologia e educação, para, em seguida, à luz da teoria de Saviani, analisar relações entre os textos das educadoras do MHN e os atuais princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal.

3 EDUCAÇÃO MUSEAL DO MHN ONTEM E HOJE: PONTES COM A PNEM

Este capítulo traz uma comparação entre as informações analisadas no capítulo anterior no que diz respeito às concepções pedagógicas presentes no trabalho educativo de mulheres no MHN e o conteúdo dos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal.

Em termos gerais buscamos identificar possíveis rupturas e continuidades teóricas e práticas no desenvolvimento do campo da educação museal tomando o trabalho educativo das mulheres do MHN como base histórica e alcançando a PNEM como possível desdobramento de seu legado.

Entendemos que, na lacuna temporal que separa a produção intelectual dessas mulheres e a elaboração da PNEM, a educação museal desenvolveu-se como campo sem deixar de receber influências da prática e dos debates ensejados por suas pioneiras, entre as quais destacamos aqui as mulheres educadoras das primeiras décadas de existência do MHN.

3.1 Comparação entre conteúdos dos trabalhos intelectuais das conservadoras e dos princípios e diretrizes da PNEM

No artigo *Pontes entre passado e futuro: observações sobre gênero e a educação museal no Brasil entre 1958 e 2018* - a ser publicado na Revista Inclusão Social, Faria e Castro (no prelo) abordam a dificuldade de se mapear o protagonismo de mulheres na história dos museus e da Museologia brasileira, considerando que

[...] a aplicação da categoria de gênero na produção historiográfica do campo museal evidencia uma escrita majoritariamente sustentada por autorias masculinas, que assumiram posições hierárquicas no campo e conduziram uma narrativa favorável aos seus interesses pessoais. Um exemplo recorrente é associarmos diretamente o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional à figura de Gustavo Barroso, na época diretor da instituição e um dos integrantes do corpo docente, mas não à Nair de Moraes Carvalho, que foi a coordenadora do Curso de Museus por mais de duas décadas, de 1944 até 1967 (Sá, 2007).

Nesse sentido, as autoras propõem uma alternativa para sanar a questão: a reescrita da História, apresentando trajetórias femininas, difundindo seu trabalho e analisando sua participação no campo teórico e prático da educação museal, considerando ainda que a história da educação museal permite posicionar

trabalhadoras de museus como intelectuais do campo, como no caso das autoras cujas obras são analisadas nesta dissertação.

No que diz respeito à relação entre museologia e educação, destacando concepções pedagógicas, Faria e Castro (no prelo) apontam que:

As três autoras defendiam que a distinção dos museus se centrava na oportunidade de promover o contato com a materialidade, experiência que daria ao visitante autonomia na produção do conhecimento. Aprender pela experiência do convívio era um dos princípios da Escola Ativa e, nessa perspectiva, os museus tornaram-se atraentes espaços para explorar o aprendizado a partir de situações concretas.

É possível dizer, portanto, que, de conjunto, o trabalho intelectual de Carvalho, Porto de Barros e Ludol projetaram o MHN, sede do então único Curso de Museus do país, a *locus* do pensamento da educação museal do início do século XX e motor que impulsionou a primeira produção teórica do campo. As autoras concluem que:

O contato com as publicações de Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Pôrto de Barros e Dulce Cardozo Ludolf favorecem a compreensão de como as conservadoras de museus, que integravam o corpo funcional do Museu Histórico Nacional, posicionavam-se sobre o tema, articulavam-se com proposições de agentes do campo da Museologia e da Educação, e fomentavam o exercício do aprendizado nos museus. A produção engajada não só legitimou os museus como espaços de aprendizado, como também condicionou a educação como uma função a ser exercida. Esse movimento demandou uma organização do próprio campo museal, que na perspectiva teórica desenvolveu pesquisas, fundamentações teórico-metodológicas e produção de conhecimento sobre educação museal e, na perspectiva aplicada, elaborou estratégias de visitação, processos de ensino-aprendizagem em museus e, a longo prazo, políticas públicas que defendam tais interesses (Faria; Castro, no prelo).

O trabalho intelectual das conservadoras do MHN impulsionou mudanças na prática educativa dos museus do país e, em termos de desdobramentos teóricos, fundamentou a educação museal brasileira, permitindo que no momento em que se projetou como campo também político, a educação museal tenha podido se alicerçar em concepções pedagógicas consolidadas, diversas e que agora podem já se constituir e se pensar como um campo específico.

A seguir, propomos uma análise da relação entre as obras dessas autoras, a PNEM, a partir da análise que tem base teórica na Pedagogia Histórico-Crítica, de Dermeval Saviani, que aqui aparece como ferramenta científica para promover um olhar crítico sobre o desenvolvimento histórico da Educação Museal no Brasil.

Para isso elaboramos o quadro a seguir, que identifica trechos das obras das três autoras, aqui analisados de forma comparativa com a Política Nacional de

Educação Museal, de maneira a observar semelhanças e diferenças, continuidades e rupturas no desenvolvimento da educação museal de um campo prático no início do século XX, a teórico e político na atualidade, em um processo de quase um século de duração.

Apresentamos, portanto, no *Quadro 3 - Atuação pedagógica de mulheres no MHN: produção intelectual, concepções pedagógicas e relações com a PNEM*, uma coluna em que apontamos trechos selecionados das obras das autoras publicadas nos Anais do Museu Histórico Nacional, que consideramos indicar conteúdos relacionados às suas concepções pedagógicas e fundamentos da educação museal e uma coluna em que propomos a relação entre esses trechos e alguns dos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal.

Aparecem neste Quadro um total de 39 trechos destacados dos quatro textos selecionados, com intuito de identificar concepções pedagógicas presentes e relacionar conteúdos de análise e proposições das autoras que aparecem também na Política Nacional de Educação Museal (2017), conforme quadro abaixo.

Quadro 3 - Relação quantitativa entre trechos dos textos analisados e princípios e diretrizes da PNEM

Artigos	Artigos	PNEM
O papel educativo do Museu Histórico Nacional, Nair de Moraes Carvalho	12 trechos	22 princípios e diretrizes
O museu e a criança, Sigrid Porto de Barros	13 trechos	40 princípios e diretrizes
A mensagem cultural do museu, Sigrid Porto de Barros	4 trechos	16 princípios e diretrizes
A nova diretriz para o museu, Dulce Cardoso Ludolf	9 trechos	20 princípios e diretrizes

Fonte: A autora, 2024.

Quadro 4 - Atuação pedagógica de mulheres no MHN: produção intelectual, concepções pedagógicas e relações com a PNEM

Identificação de Concepções Pedagógicas	Relação com PNEM
<p>Nair de Moraes Carvalho Papel educativo do Museu Histórico Nacional. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v.8, p.18 - 30, 1947</p>	
<p>Trecho 1 “De então por diante, um número cada vez maior de conservadores, uns espontâneamente, outros contra a vontade, tiveram de recrutar pessoal especializado e de criar até departamentos próprios para se ocuparem das atividades concernentes à juventude. Os que hesitaram seguir êsse rumo ou recusaram providenciar quanto às necessidades peculiares às crianças arriscaram-se a ser taxados de reacionários incorrigíveis ou de retardatários. As influências que produziram tais resultados geralmente vieram de fora dos museus e não de dentro; emanaram dos educadores e mestres entusiastas, não dos profissionais da museologia.” (p. 19)</p>	<p>Princípio 3 - Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.</p>
<p>Trecho 2 “Estudando os museus infantis, dos quais nos Estados Unidos existem 35 e no resto do mundo, uma dúzia, êle mostra seus graves inconvenientes, a começar pelo principal dêles, que é criar nos meninos um mundo fantástico e irreal, que os prepara mal para as realidades quando se tornam adultos. Em páginas cheias de grande clareza, alinha os argumentos pro e contra, reconhecendo que há museus que jamais interessarão aos jovens, que, em certos casos, seria ótimo se organizassem certos museus de modo a servirem a pequenos e grandes ou se estabelecesse uma tal ou qual iniciação, a fim de que as crianças cheguem com esta compreensão aos mostruários destinados aos mais idosos. São os especialistas suecos aquêles que, no domínio da técnica museológica, se têm insurgido contra os museus infantis, afirmando que os mesmos deixam no espírito dos meninos, sedimentada, a idéia de que os museus só servem para crianças, o que os afasta, da adolescência em diante, dêsses estabelecimentos. Aliás, isso se tem verificado com alguma freqüência nos Estados Unidos. Finalmente, Henri Fould aponta como solução do problema "criar, nos museus para adultos, já existentes, departamentos juvenis."” (p. 19-20)</p>	<p>Princípio 3 - Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.</p> <p>Princípio 4 - Cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente o Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, levando em consideração as características institucionais e dos seus diferentes públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas.</p>

<p>Trecho 3 Museu é um dos raros organismos que podem neutralizar a tendência do ensino livresco com o uso de objetos reais que ferem diretamente os sentidos sem a interferência das palavras. (p. 21)</p>	<p>Princípio 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p>
<p>Trecho 4 "Em seguida, o autor do Preâmbulo trata da quantidade excessiva de material exposto e do mau uso de modelos, passando a abordar os problemas das atividades. Condena as visitas escolares de grandes turmas, fixando o número de cada uma em 15 alunos e insistindo para que a impressão causada nas crianças seja a de que o museu é um "lugar maravilhoso, cheio de coisas interessantes e notáveis", para que no seu espírito se prolongue a vontade de voltar. No caso, deve se dar preferência ao objeto real, como exemplo das preleções, a qualquer cópia ou projeção fotográfica ou cinematográfica. O método de ensino deve ser o mais familiar e o menos formal ou acadêmico possível. Os questionários, que entopem as crianças de conhecimentos a granel, são condenáveis. Enfim, conclui: "... o maior perigo para os museus, no futuro, não será falhar propriamente no seu esforço em cumprir sua missão para com a juventude, sim dar a essa missão uma interpretação demasiado estreita e teórica. Que os museus evitem desconhecer que podem introduzir na educação moderna um elemento que lhes é próprio, antes visual do que verbal, dirigindo-se tanto à sensibilidade quanto à inteligência." (p. 21)</p>	<p>Eixo II Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p> <p>Eixo III Diretriz 1 - Estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação, promovendo a difusão da educação museal, em consonância com a Política Nacional de Educação Museal, visando à formação integral.</p>

<p>Trecho 5</p> <p>“As visitas escolares dirigidas são as que em geral se realizam durante as horas de aula, com programa estabelecido de antemão e preleções dadas pelos conservadores dos museus visitados. Algumas vêzes a elas se seguem aulas ou conferências em sala especial com projeções. Tais visitas são das mais eficazes.” (p. 22)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p>
<p>Trecho 6</p> <p>“As visitas escolares livres são as que fazem grupos de estudantes segundo indicações de seus professôres, fora das horas de aula e sem serem acompanhados. Dá-se-lhes um tema a estudar ou uma obra de arte a copiar ou ainda um inquérito a fazer, deixando-lhes certo espírito de iniciativa.” (p.23)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p>
<p>Trecho 7</p> <p>“As visitas escolares combinadas são mais recentes como método de estudo e parece terem dado bons resultados. Compõem-se de duas partes. A primeira é uma verdadeira visita dirigida para o total da classe trazida ao museu. A segunda consta de estudos procedidos pelos grupos em que a classe fôr dividida sôbre o material indicado pelos guias. Depois, as observações feitas são redigidas num relatório em que todos colaboram.” (p. 23)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p>

<p>Trecho 8</p> <p>“Sòmente contatos freqüentes entre o pessoal dos museus e os educadores permitirão se realizem programas de atividades na verdade adaptados às necessidades da juventude. A tarefa poderá parecer pesada aos que desejam empreendê-la; todavia vale a pena, porque corresponde a largamente abrir as portas dos museus à juventude, permitindo-lhe, assim, aprender sem esforço as mais belas páginas da história da humanidade.” (p. 23)</p>	<p>Eixo III</p> <p>Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p> <p>Diretriz 6 - Estimular e ampliar a troca de experiências entre museu e sociedade, incentivando o uso de novas tecnologias, novas mídias e da cultura digital.</p>
<p>Trecho 9</p> <p>“Sem dúvida se admitirá em todos os países que os objetos de museu podem representar para a mocidade parte de auxílio e de interesse. A atenção dada aos objetos visuais, tangíveis, reais, é geral nos indivíduos de tôdas as idades, tipos e raças. O problema atual consiste em saber como apresentar e utilizar o material, a fim de que o profano possa reagir bem e apreciar sua significação. Na Comunidade Britânica, a tendência é para cada vez mais reconhecer a necessidade de nova atitude em face dos problemas educativos; admite-se que métodos de ensino, adaptados durante séculos a um escol culto e desejoso de aprender já não convêm mais às exigências da massa. O problema das crianças nos museus é um mero aspecto do problema mais vasto da educação popular.” (p. 24)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p>
<p>Trecho 10</p> <p>“Muita coisa trazida em nossos dias ao conhecimento do público como novidades ou frutos de recentes experiências, já foi motivo de cogitações, estudos e aplicações práticas do Museu Histórico Nacional” (p. 26)</p>	<p>Eixo II</p> <p>Diretriz 5 - Potencializar o conhecimento específico da educação museal de forma a consolidar esse campo, por meio da difusão e promoção dos trabalhos realizados, do intercâmbio de experiência e do estímulo à viabilização de cursos de nível superior em educação museal.</p> <p>Diretriz 7 - Fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos nos quais ocorrem processos museais, reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação.</p>

<p>Trecho 11</p> <p>“Logo que começou a se equilibrar e enriquecer, o novo instituto se entregou a uma tarefa de defesa das nossas relíquias e de irradiação cultural. Desde os primeiros passos, o Museu Histórico revelou o seu caráter educativo pelas providências que, na medida das possibilidades, foi tomando a sua direção. Compulsando o seu arquivo, verifica-se que, pouco tempo depois de sua organização, a Diretoria enviava ofícios aos colégios particulares e às escolas públicas, convidando mestres e alunos a visitarem suas exposições e pondo à sua disposição os funcionários-guias necessários. Essas visitas começaram logo a efetuar-se e se multiplicaram pelo tempo além, de modo que hoje, anualmente, sobem a milhares os meninos e rapazes que freqüentam em grupos, vindos dos estabelecimentos de instrução, as salas e mostruários da Casa do Brasil. Tudo o que o sr. Hould observa e discute no seu Preâmbulo é trabalho de rotina no nosso Museu Histórico há pelo menos 30 anos: visitas escolares dirigidas em que os alunos são acompanhados pelos seus professores e por conservadores do Museu, com divisões em grupos pequenos e rápidas preleções; visitas escolares livres, visitas combinadas e mais visitas com verdadeiras aulas de estudantes de cursos superiores, como da Escola Naval e da Escola Militar. E não existe o caso de premiar êsses jovens visitantes com entradas de favor, como na Europa, porque a freqüentação do Museu Histórico é gratuita para todos.” (p. 26-27)</p>	<p>Princípio 5 - Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com seus diversos setores.</p> <p>Eixo III</p> <p>Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p>
<p>Trecho 12</p> <p>“Todos os meios atinentes à vida dinâmica do Museu têm sido nestes 30 anos abordados por sua direção, muitas vezes vencendo grandes obstáculos decorrentes das incompreensões e da carência de recursos materiais. Com a criação da Inspeção de Monumentos Nacionais em 1932, lançou o Museu as bases do serviço de defesa do nosso patrimônio histórico e artístico. Com a criação do Curso de Museus na mesma época, estabeleceu um foco de cultura e aprimoramento, de criação de especialistas, do qual saíram com seus diplomas de museologistas todos os atuais conservadores de museus oficiais do Brasil. Com as suas aulas, conferências e lições práticas, criou o estímulo pelos estudos de museologia, divulgou-os, preparou a compreensão do poder público para a criação da carreira de conservador. Com o</p>	<p>Princípio 3 - Incentivar mecanismos de financiamento, fomento e apoio a programas, projetos e ações educativas museais complementando sua dotação orçamentária permanente.</p> <p>Princípio 4 - Incorporar a contribuição dos setores de educação museal como parte integrante das programações e na constituição da memória do museu por meio do registro e divulgação de suas ações.</p>

estabelecimento da **cadeira de Técnica de Museus e publicação de livro didático sôbre o assunto, alicerçou a doutrina, compendiou os princípios esparsos, estabeleceu os rumos teóricos e a aplicação prática dos estudos respectivos.** Com a **publicação dos "Anais"** levou a todos aquêles que os lêem e a todos os que se preocupam com essa ordem de idéias o **resultado de pesquisas**, de estudos e de observações dos seus técnicos. Com as **bolsas de estudo** distribuídas anualmente a funcionários de museus estaduais e municipais de vários Estados da República, estendeu a todo o país o benefício da sua expansão cultural e permitiu aos estabelecimentos distantes da capital do país disporem com o tempo de pessoal habilitado. Com o **estágio** dos diplomados pelo Curso de Museus nas diversas seções completam-se os estudos teóricos dos mesmos com a prática necessária. Com as **excursões** feitas anualmente a locais históricos e artísticos do país, nas quais os alunos do Curso de Museus recebem dos professôres que os acompanham e do próprio diretor preleções e explicações adequadas, sendo obrigados, no regresso, a apresentarem relatórios sôbre seus estudos e observações. Com a **documentação fotográfica** que a Direção do Museu Histórico vai anualmente fazendo nessas mesmas excursões, a qual, devidamente arquivada e classificada em fichários constitui uma **documentação** única no gênero no país e que já está prestando relevantes serviços aos estudiosos do nosso passado. Com a coleta de fotografias de famílias antigas e de aspectos já desaparecidos que completa essa documentação. Enfim com as aulas práticas dadas no Museu, em que são empregados dispositivos coloridos e em negro de assuntos ligados às cadeiras de História, de História de Arte, de Técnica de Museus e de Numismática, cujas coleções são hoje não só abundantes como devidamente catalogadas." (p. 28-30)

Sigrid Porto de Barros O museu e a criança. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 9, p. 46-73, 1948.	
Trecho 1 “O passado dos museus tornava-os órgãos de preservação e pesquisa. Contudo, modernamente, o conceito vai-se ampliando e êles passaram a lançar mão de recursos eficientes que os credenciam junto à Pedagogia, constituindo atualmente um dos melhores meios usados pela Escola Ativa , sobretudo em países em que o pequeno nível cultural do povo, não exclui a curiosidade do espírito e o desejo de progresso.” (p. 46)	Princípio 1 - Estabelecer a educação museal como função dos museus reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa. Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.
Trecho 2 “O ensino meramente verbal, exaustivo e improfícuo, cedeu lugar a métodos de realizações e experimentação.” (p. 46)	Eixo II Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.

<p>Trecho 3 “Fêz-se, então, necessário um planejamento das visitas infantis aos museus. Que fôsse aproveitada a oportunidade para aulas, ampliando-lhes o conhecimento, pela visualização de objetos e lhes fornece simultâneamente, uma sadia e útil distração.” (p. 47)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Princípio 4 - Cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente o Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, levando em consideração as características institucionais e dos seus diferentes públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas</p> <p>Eixo II Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p>
<p>Trecho 4 “É flagrante que as crianças pensam e aprendem em ritmos muito diferentes e que várias, dentre elas, reagem mal a frases ouvidas, e evidenciam ao contrário, vivacidade e sensibilidade, logo que são chamadas a exercer uma atividade em que entrem com alguma contribuição pessoal. Fica, portanto, excluído o conceito da eficácia de uma visita sem orientação planejada, em que a criança não seja chamada a intervir ativamente.” (p. 47)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Princípio 4 - Cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente o Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, levando em consideração as características institucionais e dos seus diferentes públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas</p> <p>Eixo II Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da</p>

	sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.
<p>Trecho 5 “Uma visita destas, representa mais um trabalho de preparação, de ambientação da mentalidade infantil, com as coisas de museu. É nesta fase, pois, que as escolas necessitam organizar museus escolares ou museus pedagógicos.” (p. 53)</p>	<p>Eixo III Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p>
<p>Trecho 6 “Deve ser exaltado o respeito devido às diferentes formas das atividades humanas, mediante a compreensão da dependência recíproca entre os indivíduos.” (p. 55)</p>	<p>Eixo III Diretriz 4 - Estimular, promover e apoiar a sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural nos programas, projetos e ações educativas, respeitando as características, as necessidades e os interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária.</p>
<p>Trecho 7 “Os programas das atividades devem ser vivos, atraentes e estimuladores da inteligência, reservando-se aos mestres e orientadores, uma atuação hábil, oportuna e discreta.” (p. 63)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Princípio 3 - Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.</p> <p>Eixo I Diretriz 1 - Incentivar a construção do Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, definido a partir da missão do museu, pelo setor de educação museal, em colaboração com os demais setores do museu e a sociedade.</p> <p>Diretriz 2 - Promover o desenvolvimento do Programa Educativo e Cultural no Plano Museológico e estabelecer entre suas atribuições: missão educativa; referências teóricas e conceituais; diagnósticos de sua competência; descrição dos projetos e plano de trabalho; registro,</p>

	<p>sistematização e avaliação permanente de suas atividades e formação continuada dos profissionais do museu.</p> <p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p>
<p>Trecho 8</p> <p>“Convém sempre ao fim das visitas, reservar alguns minutos para uma conversa com os pequenos alunos, que, a par de estimular o hábito da palestra, poderá servir para afastar dúvidas e, ao mesmo tempo, para a verificação do aproveitamento final da turma.” (p. 68)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Princípio 3 - Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.</p> <p>Eixo I</p> <p>Diretriz 1 - Incentivar a construção do Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, definido a partir da missão do museu, pelo setor de educação museal, em colaboração com os demais setores do museu e a sociedade.</p> <p>Diretriz 2 - Promover o desenvolvimento do Programa Educativo e Cultural no Plano Museológico e estabelecer entre suas atribuições: missão educativa; referências teóricas e conceituais; diagnósticos de sua competência; descrição dos projetos e plano de trabalho; registro, sistematização e avaliação permanente de suas atividades e formação continuada dos profissionais do museu.</p> <p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização</p>

	<p>de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p>
<p>Trecho 9 “[...] a) Planejar trabalhos extraclasse e atividades que complementem o ensino do programa educacional, ora em vigor; b) utilização e confecção de material didático para o ensino de História, Etnografia, Sociologia, Numismática, etc.; c) utilização e confecção de material didático para o auxílio no ensino de História da Arte em geral e da Arte no Brasil.” (p. 68)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Princípio 3 - Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.</p> <p>Eixo I Diretriz 1 - Incentivar a construção do Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, definido a partir da missão do museu, pelo setor de educação museal, em colaboração com os demais setores do museu e a sociedade.</p> <p>Diretriz 2 - Promover o desenvolvimento do Programa Educativo e Cultural no Plano Museológico e estabelecer entre suas atribuições: missão educativa; referências teóricas e conceituais; diagnósticos de sua competência; descrição dos projetos e plano de trabalho; registro, sistematização e avaliação permanente de suas atividades e formação continuada dos profissionais do museu.</p> <p>Eixo II Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da</p>

	sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.
<p>Trecho 10 “Ao fim da visita, solicitamos às crianças que nos digam do que mais gostaram - entre salas, objetos ou fatos narrados - e do que menos gostaram - o que já nos levou a modificar o conceito que vínhamos desenvolvendo em visitas guiadas, para a infância.” (p. 69-70)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Princípio 3 - Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.</p> <p>Eixo I</p> <p>Diretriz 1 Incentivar a construção do Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, definido a partir da missão do museu, pelo setor de educação museal, em colaboração com os demais setores do museu e a sociedade.</p> <p>Diretriz 2 - Promover o desenvolvimento do Programa Educativo e Cultural no Plano Museológico e estabelecer entre suas atribuições: missão educativa; referências teóricas e conceituais; diagnósticos de sua competência; descrição dos projetos e plano de trabalho; registro, sistematização e avaliação permanente de suas atividades e formação continuada dos profissionais do museu.</p> <p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p>

<p>Trecho 11 “É recomendável que, às escolas onde existam museus escolares ou pedagógicos, sejam enviados conservadores para auxiliar na atualização da classificação e etiquetagem dos objetos.” (p. 71)</p>	<p>Eixo III</p> <p>Diretriz 4 - Estimular, promover e apoiar a sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural nos programas, projetos e ações educativas, respeitando as características, as necessidades e os interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária.</p> <p>Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p>
<p>Trecho 12 “Em síntese, para forjar a compreensão do entrosamento dos métodos da Escola-Ativa, com os Serviços educativos dos museus, é recomendável um planejamento sistemático de visitas guiadas e de palestras especiais para grupos de professores, tudo isto secundado pelo envio às escolas, ou mesmo Departamentos educacionais, de listas de objetos das coleções museológicas, que tenham qualquer relação com as unidades dos programas escolares vigentes.” (p. 72)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Princípio 3 - Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.</p> <p>Eixo I</p> <p>Diretriz 1 - Incentivar a construção do Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, definido a partir da missão do museu, pelo setor de educação museal, em colaboração com os demais setores do museu e a sociedade.</p> <p>Diretriz 2 - Promover o desenvolvimento do Programa Educativo e Cultural no Plano Museológico e estabelecer entre suas atribuições: missão educativa; referências teóricas e conceituais; diagnósticos de sua competência; descrição dos projetos e plano de trabalho; registro, sistematização e avaliação permanente de suas atividades e formação continuada dos profissionais do museu.</p>

	<p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p>
<p>Trecho 13</p> <p>“Que o Museu caminhe ao encontro das escolas, através de uma propaganda bem orientada e que as visitas realizadas levem a criança a ouvir, observar, discutir, experimentar e comprovar.” (p. 72)</p>	<p>Eixo III</p> <p>Diretriz 4 - Estimular, promover e apoiar a sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural nos programas, projetos e ações educativas, respeitando as características, as necessidades e os interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária.</p> <p>Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p>
<p>Sigrid Porto de Barros</p> <p>A mensagem cultural do museu.</p> <p>Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 13, p. 216-228, 1952.</p>	
<p>Trecho 1</p> <p>“É compreensível que haja ensino sem auxílio dos museus e suas coleções (comunidades existem em nosso país que não possuem um simples museu regional!), mas é totalmente injustificável que existam museus dissociados dos planos educacionais vigentes, dentro dos modernos ditâmes da “Escola Ativa”. Há uns vinte e cinco anos, na escolaridade comum, ao conhecimento livresco e ao ensino meramente verbal, sucedeu o emprêgo de métodos visuais. O ensino de História, por exemplo: não mais se restringiria à preleções e memorizações infundadas dos temas dados. Passou a ser indispensável que o aluno fosse levado a consultar autores, selecionar temas de novelas, romances biográficos, realizar crítica, enfim.</p> <p>[...] O objetivo a ser atingido, era a formação da consciência social do aluno, através do ensino da História” (p.219-220).</p>	<p>Princípio 5 - Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com seus diversos setores.</p> <p>Eixo III</p> <p>Diretriz 1 - Estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação, promovendo a difusão da educação museal, em consonância com a Política Nacional de Educação Museal, visando à formação integral.</p> <p>Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p>

<p>Trecho 2</p> <p>“Um museu que tome por base de sua mensagem, a História Pátria, será um dos melhores auxiliares da “Escola Ativa”, visando precipuamente a formação da consciência patriótica através da narrativa dos episódios mais importantes e dos exemplos mais significativos dos principais vultos do passado nacional. [...] Objetivar-se-á uma correlação dos fenômenos históricos, artísticos e científicos do passado para facilitar a compreensão do presente (Princípio de causalidade em História)” (p.220-221).</p>	<p>Eixo III</p> <p>Diretriz 5 -Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p>
<p>Trecho 3</p> <p>“É comum ouvir-se a alegação de que as atuais condições (materiais, financeiras e de pessoal) de nossos museus e os tipos de visitantes que à eles vêm, não permitem, e mesmo tornam inviáveis, planos assim extruturados. Perguntamos: - A quem, senão à Escola e aos Museu de História, caberá a tarefa elevada de aguçar o espírito de crítica construtiva e sistemática, num mundo em desenvolvimento? Se ambos falharem neste objetivo , evidentemente, as novas gerações encontrarão seus subsídios, de forma natural na literatura, no cinema, na imprensa ou T.V., sob formas nem sempre convenientes (p.221)”.</p>	<p>Eixo II</p> <p>Diretriz 7 - Fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos nos quais ocorrem processos museais, reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação.</p> <p>Eixo III</p> <p>Diretriz 1 - Estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação, promovendo a difusão da educação museal, em consonância com a Política Nacional de Educação Museal, visando à formação integral.</p> <p>Diretriz 4 - Estimular, promover e apoiar a sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural nos programas, projetos e ações educativas, respeitando as características, as necessidades e os interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária.</p> <p>Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p>

<p>Trecho 4</p> <p>Sabemos também, que os colégios que visitam os museus, são em número bem pouco expressivo, em relação à quantidade dos estabelecimentos de ensino existente em nosso Estado.</p> <p>Consequência natural dos currículos que assoberbam a escolaridade, deixando pequena margem às atividades extra-classe. Os poucos professores que ainda encorajam seus alunos a visitas deste tipo, o fazem por senso pedagógico, mas têm que conseguir, em geral, os ônibus para transporte dos alunos, nas frotas dos próprios colégios.</p> <p>Ora, estabelecimentos que possam fornecer condução a seus matriculados, existem em pequeno número, e em sua maioria são frequentados por estudantes pertencentes a grupos de melhor nível sócio-cultural.</p> <p>Resta assim, pequeno número de estudantes que vêm ao museu por conta própria, ou por meio de transporte fornecido pelo Estado, o que é bem mais raro. Perde neste caso, também, o museu uma excelente oportunidade de atingir grupos e classes diferentes: e auxiliar um melhor entendimento entre os homens, por meio de uma mensagem cultural niveladora.</p> <p>Mas reconhecemos, conscienciosamente, que se fosse maior o número de colegiais visitantes, não poderia ser maior a atenção à êles destinada pelos nossos museus, enquanto não forem criados “Serviços Educativos” funcionando separadamente, dos serviços técnicos de pesquisa.</p> <p>O orientador de uma turma (que não pode ser confundido com um simples guia) precisa ser um profissional de formação universitária que alie ao dom natural da palavra, um indispensável conhecimento das modernas técnicas educacionais: necessita ter um vocacionamento para o trabalho com as “coisas de museu” e um bom senso inato que o fará transformar, tudo isso, em frases simples, ditas com boa parcela de humor; e que transmita o seu conhecimento com uma segurança tal que aquêles que o ouçam, fiquem contagiados pela mesma centelha que o anima e faz viver, a mensagem do museu. (p.227-228)”. </p>	<p>Eixo II</p> <p>Diretriz 1 - Promover o profissional de educação museal, incentivando o investimento na formação específica e continuada de profissionais que atuam no campo.</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p> <p>Diretriz 3 - Fortalecer o papel do profissional de educação museal, estabelecendo suas atribuições no Programa Educativo e Cultural em conformidade com a Política Nacional de Educação Museal.</p> <p>Diretriz 4 - Valorizar o profissional da educação museal, incentivando a formalização da profissão, o estabelecimento de planos de carreira, a realização de concursos públicos e a criação de parâmetros nacionais para a equiparação da remuneração nas várias regiões do país.</p> <p>Diretriz 9 - Promover, em colaboração com outros setores dos museus, diagnósticos, estudos de público e avaliação, visando à verificação do cumprimento de sua função social e educacional.</p> <p>Eixo III</p> <p>Diretriz 1 - Estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação, promovendo a difusão da educação museal, em consonância com a Política Nacional de Educação Museal, visando à formação integral.</p> <p>Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.</p> <p>Diretriz 6 - Estimular e ampliar a troca de experiências entre museu e sociedade, incentivando o uso de novas tecnologias, novas mídias e da cultura digital.</p>
---	---

<p>Dulce Cardozo Ludolf Nova diretriz dos museus. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 13, p. 191-202, 1964.</p>	
<p>Trecho 1 “Constata-se, cada dia, um crescente desenvolvimento em todos os ramos da ciência, uma aplicação prática do saber humano em novos campos de atividade.” (p. 189)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Eixo II Diretriz 4 - Valorizar o profissional da educação museal, incentivando a formalização da profissão, o estabelecimento de planos de carreira, a realização de concursos públicos e a criação de parâmetros nacionais para a equiparação da remuneração nas várias regiões do país.</p>
<p>Trecho 2 “[...] O museu de hoje é um centro de pesquisas. Seus funcionários esmiuçam a origem, a qualidade e o valor dos objetos, preocupam-se com os problemas técnicos de sua apresentação e de sua conservação, com a influência que exercem sobre a educação dos visitantes.” (p. 189)</p>	<p>Princípio 1 - Estabelecer a educação museal como função dos museus reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa.</p>
<p>Trecho 3 “[...] São órgãos ativos que se impõem na vida cultural do país, interessando e orientando os estudiosos em todos os ramos da arte e da ciência [...]” (p. 189)</p>	<p>Princípio 1 - Estabelecer a educação museal como função dos museus reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa.</p>

<p>Trecho 4</p> <p>“Temos então museus dinâmicos, com funções múltiplas. Ao mesmo tempo que exibem suas coleções promovem cursos e conferências, divulgam em publicações próprias os trabalhos de seus técnicos e atendem, nas seções especializadas, a consultas de todos os gêneros, orientando em assuntos de arte, indumentária, heráldica, numismática, sigilografia, armaria, etc.” (p. 192)</p>	<p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p> <p>Diretriz 5 - Potencializar o conhecimento específico da educação museal de forma a consolidar esse campo, por meio da difusão e promoção dos trabalhos realizados, do intercâmbio de experiência e do estímulo à viabilização de cursos de nível superior em educação museal.</p> <p>Diretriz 7 - Fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos nos quais ocorrem processos museais, reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação.</p>
<p>Trecho 5</p> <p>“A vida dinâmica que anima os museus atuais e os coloca como elemento preponderante de cultura nas sociedades decorre de duas atividades básicas: pesquisa e divulgação.” (p. 192-193)</p>	<p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p> <p>Diretriz 5 - Potencializar o conhecimento específico da educação museal de forma a consolidar esse campo, por meio da difusão e promoção dos trabalhos realizados, do intercâmbio de experiência e do estímulo à viabilização de cursos de nível superior em educação museal.</p> <p>Diretriz 7 - Fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos nos quais ocorrem processos museais, reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação.</p>

<p>Trecho 6</p> <p>“A divulgação é uma conseqüência natural da pesquisa. Nos centros de estudos como os museus, em que os conservadores se dedicam a pesquisas diárias, a divulgação assume uma importância fundamental. Ao mesmo tempo que exerce função educativa, estabelece o intercâmbio cultural entre os estudiosos e entre as Nações.” (p. 193)</p>	<p>Eixo II</p> <p>Diretriz 5 - Potencializar o conhecimento específico da educação museal de forma a consolidar esse campo, por meio da difusão e promoção dos trabalhos realizados, do intercâmbio de experiência e do estímulo à viabilização de cursos de nível superior em educação museal.</p> <p>Diretriz 6 - Valorizar a troca de experiências por meio de parcerias nacionais e internacionais para a realização de estágios profissionais em educação museal</p>
<p>Trecho 7</p> <p>“O público passa a ter uma importância maior para os pesquisadores, e é com o intuito de interessá-lo e esclarecê-lo que eles se movimentam criando ambientes ao mesmo tempo atraentes e instrutivos e organizando palestras, conferências, visitas explicadas às suas várias galerias, etc. Esse trabalho denominado pesquisa educacional, estabelece os moldes em que devem ser organizadas as exposições, bem como os métodos mais incisivos de apresentação dos objetos.” (p. 193-194)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p> <p>Diretriz 5 - Potencializar o conhecimento específico da educação museal de forma a consolidar esse campo, por meio da difusão e promoção dos trabalhos realizados, do intercâmbio de experiência e do estímulo à viabilização de cursos de nível superior em educação museal.</p> <p>Diretriz 6 - Valorizar a troca de experiências por meio de parcerias nacionais e internacionais para a realização de estágios profissionais em educação museal.</p>

<p>Trecho 8</p> <p>“As conferências, em séries ou isoladas, como as aulas, são realizadas no auditório dos museus ou nas próprias salas de exposição. Neste caso oferecem aos ouvintes a vantagem de poderem observar melhor as peças, objeto do assunto abordado.” (p. 194)</p>	<p>Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p> <p>Eixo II</p> <p>Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos.</p> <p>Diretriz 5 - Potencializar o conhecimento específico da educação museal de forma a consolidar esse campo, por meio da difusão e promoção dos trabalhos realizados, do intercâmbio de experiência e do estímulo à viabilização de cursos de nível superior em educação museal.</p> <p>Diretriz 6 - Valorizar a troca de experiências por meio de parcerias nacionais e internacionais para a realização de estágios profissionais em educação museal.</p>
<p>Trecho 9</p> <p>“[...] Assim, pois, não é demais afirmar-se que dos conservadores espera-se o conhecimento da arte e da história, em tôdas as suas facetas e ligações complexas com outras ciências; o espírito informativo nas consultas; a paciência e perseverança nas pesquisas; o gosto estético nas arrumações; a síntese e precisão na elaboração de etiquetas, guias e catálogos.” (p. 198)</p>	<p>É possível relacionar esse trecho com os verbetes “Formação Integral” e “Educação Museal”, do Glossário do Caderno da PNEM.</p>

Fonte: A autora, 2024.

O quadro apresentado demonstra a estreita relação entre o pensamento das conservadoras do MHN e o que veio a se desenvolver em seguida como subsídios do campo para a formulação e consolidação de políticas públicas de educação museal. Apresentamos aqui a análise de 12 trechos analisados no texto *O papel educativo do Museu Histórico Nacional*, de Nair Carvalho, que podem ser correspondidos com 22 princípios e diretrizes da PNEM. Dos textos de Sigrid Barros, em *O museu e a criança* foram identificados em 13 trechos, 40 relações possíveis com princípios e diretrizes da PNEM e em *A mensagem cultural do museu*, após analisados quatro trechos, foi possível relacioná-los com o conteúdo da PNEM 16 vezes. Já o texto de Dulce Ludolf, mesmo que não trate diretamente da educação museal, embora abordando o papel educativo dos museus, teve na análise de nove trechos uma correspondência com 20 princípios e diretrizes da PNEM.

Especialmente com relação à PNEM, é possível identificar a relação direta com os trechos selecionados dos textos das conservadoras, que além de apresentarem suas concepções pedagógicas, apontam para uma visão de futuro para o campo, que veio a ser elaborada como política pública após quase cinquenta anos de seus escritos. Uma análise mais qualitativa desta relação será apresentada no subcapítulo a seguir.

3.2 Nair, Sigrid e Dulce: contribuições para a educação museal - da prática à política

Os textos selecionados de Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Porto de Barros e Dulce Cardozo Ludolf foram analisados e deles foram extraídos trechos que consideramos identificarem as concepções pedagógicas das autoras. Montamos o Quadro 3, apresentando esses trechos e relacionando-os com princípios e diretrizes da *Política Nacional de Educação Museal* (2017), com o objetivo de observar conteúdos e orientações comuns, entre o que essas educadoras produziram no início do século XX e a produção coletiva do campo da educação museal contemporânea.

Nossa hipótese, como apresentada previamente, foi a de que essas intelectuais contribuíram significativamente, por meio de sua prática educativa e produção intelectual pedagógica, para o desenvolvimento de bases teóricas que são, até hoje, os pilares da educação museal no seu contexto de política pública nacional.

A seguir, analisamos alguns trechos apresentados no Quadro 3, partindo da

teoria de Dermeval Saviani para identificar concepções pedagógicas presentes nessa construção histórica e apontando semelhanças e diferenças, rupturas e continuidades que estruturam a educação museal como política pública contemporânea.

3.2.1 Papel educativo do Museu Histórico Nacional, de Nair de Moraes Carvalho

Analisando o texto *Papel educativo do Museu Histórico Nacional*, de Nair de Moraes Carvalho, selecionamos o seu Trecho 1, comparando-o com o Princípio 3 da PNEM:

[Trecho 1] De então por diante, um número cada vez maior de conservadores, uns espontaneamente, outros contra a vontade, tiveram de recrutar pessoal especializado e de criar até departamentos próprios para se ocuparem das atividades concernentes à juventude. Os que hesitaram seguir êsse rumo ou recusaram providenciar quanto às necessidades peculiares às crianças arriscaram-se a ser taxados de reacionários incorrigíveis ou de retardatários. As influências que produziram tais resultados geralmente vieram de fora dos museus e não de dentro; emanaram dos educadores e mestres entusiastas, não dos profissionais da museologia (Carvalho, 1947, p. 19).

Princípio 3 - Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu (Ibiam, 2017, p.4).

O texto de Nair de Carvalho e o princípio da PNEM apresentam perspectivas semelhantes relacionadas à educação museal, embora abordem aspectos diferentes e estejam separados pelo tempo.

No trecho retirado do texto, há uma menção ao aumento da importância dada à educação e às atividades voltadas para a juventude nos museus. A autora destaca a necessidade crescente de contratação de pessoal especializado e a criação de departamentos específicos para lidar com essas questões. Além disso, sugere que os museus que não se adaptassem a essas demandas poderiam ser vistos como reacionários ou desatualizados. A influência para essa mudança era atribuída principalmente a educadores e mestres, indicando uma pressão externa - demanda social do público e do contexto educacional da época - sobre os museus para se engajarem mais ativamente na educação.

Já o princípio da PNEM, considerando todo o desenvolvimento da educação museal em quase um século, aparece como uma proposta ou recomendação para instituições museológicas, propondo a criação de um setor de educação museal com

uma equipe qualificada e multidisciplinar, com status equivalente aos outros setores técnicos do museu. Isso implica um reconhecimento da importância da educação dentro do contexto museológico e a necessidade de recursos e participação nas decisões institucionais para esse fim, ou seja, o que no trecho do texto de Nair de Carvalho aparece como uma projeção de futuro necessário, na PNEM surge como sugestão de uma política pública setorial.

Uma semelhança que podemos identificar é, ainda, a ênfase na importância da educação dentro dos museus e a necessidade de pessoal qualificado para lidar com essa área. Ambos destacam a necessidade de adaptação das instituições museológicas para atender às demandas educacionais da sociedade. No entanto, o texto de Nair de Carvalho descreve uma mudança que começava a entrar em andamento, enquanto o princípio da PNEM, a partir do reconhecimento de uma necessidade geral, apresenta uma orientação para como as instituições devem melhorar sua abordagem educativa.

Ao considerar as concepções pedagógicas de Dermeval Saviani, podemos analisar os dois textos sob a perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica da educação. Essa abordagem valoriza a relação dialética entre teoria e prática, buscando compreender como as instituições educacionais se adaptam e respondem às demandas da sociedade em diferentes momentos históricos.

No primeiro trecho, podemos identificar uma mudança nas práticas educacionais nos museus ao longo do tempo, refletindo uma adaptação às necessidades emergentes da juventude. Essa mudança é impulsionada por pressões externas, como as influências dos educadores e mestres entusiastas mencionadas no texto. A Pedagogia Histórico-Crítica enfatiza a importância de compreender o contexto social e histórico das práticas educacionais, e o primeiro trecho ilustra como as demandas da sociedade influenciam a forma como as instituições educacionais, nesse caso os museus, operam.

Já no princípio 3 da PNEM encontramos uma orientação que reflete uma abordagem mais sistematizada para a educação museal, sugerindo a criação de um setor específico para essa finalidade, com recursos financeiros e participação nas decisões institucionais. Essa orientação representa uma tentativa de formalizar e institucionalizar a educação museal dentro do contexto nacional, indicando um reconhecimento oficial da importância dessa área. Sob a perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, essa diretriz pode ser vista como uma resposta institucionalizada às

demandas sociais por uma educação museal mais estruturada e abrangente, que é assumida pelo Estado - no caso o Ibram, que elaborou de forma participativa a PNEM - e não mais vista como um papel de instituições de vanguarda, como poderia ser interpretado no primeiro caso.

Assim, podemos estabelecer uma relação entre os dois textos ao observar como as práticas educacionais nos museus evoluíram ao longo do tempo, passando de uma resposta informal e reativa às demandas da sociedade, como descrito no primeiro trecho, para uma abordagem mais formalizada e sistematizada, como indicado no segundo trecho. Ambos os textos refletem a necessidade de adaptação das instituições educacionais, incluindo os museus, às demandas e contextos sociais em mudança, uma premissa fundamental da Pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani, mas que aqui pode ser apresentada a partir somente de sua função analítica e não em uma dimensão prática da implementação efetiva de uma política pública que se proponha a transformar a ação educativa museal na perspectiva de uma Pedagogia Revolucionária, como proposta por Saviani.

A seguir, percebemos em dois trechos do texto de Dona Nair de Carvalho, que o museu, tido como espaço educativo diverso da escola, tem seu acervo compreendido pela autora como uma oportunidade de aprendizagem por meio da experimentação, conforme anunciado nos princípios da Escola Ativa.

[Trecho 3] Museu é um dos raros organismos que podem neutralizar a tendência do ensino livresco com o uso de objetos reais que ferem diretamente os sentidos sem a interferência das palavras. (Carvalho, 1947, p. 21).

[Trecho 4] O método de ensino deve ser o mais familiar e o menos formal ou acadêmico possível. Os questionários, que entopem as crianças de conhecimentos a granel, são condenáveis. Enfim, conclui: "... o maior perigo para os museus, no futuro, não será falhar propriamente no seu esforço em cumprir sua missão para com a juventude, sim dar a essa missão uma interpretação demasiado estreita e teórica. Que os museus evitem desconhecer que podem introduzir na educação moderna um elemento que lhes é próprio, antes visual do que verbal, dirigindo-se tanto à sensibilidade quanto à inteligência (Carvalho, 1947, p. 21).

Eixo III

Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico (Ibram, 2017, p. 7).

Analizando o trecho do texto de Nair de Carvalho, à luz das concepções

pedagógicas de Dermeval Saviani, e comparando-o com o princípio da Política Nacional de Educação Museal que o segue, podemos identificar alguns pontos de convergência.

O trecho inicial destaca o potencial dos museus como organizações capazes de proporcionar uma experiência educativa única e tangível, contrastando com o ensino meramente baseado em livros. Essa ideia está alinhada com a concepção pedagógica de Saviani, que enfatiza a importância da prática e da experiência concreta no processo educacional. Para Saviani (2005), o ensino não deve ser apenas teórico, mas também prático, buscando sempre conectar o conhecimento com a realidade vivida pelo aluno, já que o ponto de partida de sua proposta é a prática social e, em seguida deve-se partir para a etapa da problematização dessa prática. Nesse sentido, os objetos reais presentes nos museus oferecem uma oportunidade única de aprendizado sensorial e experiencial, que pode complementar e enriquecer o ensino tradicional.

O princípio da Política Nacional de Educação Museal que segue o trecho inicial enfatiza a importância da colaboração com as comunidades e da promoção da reflexão crítica. Essa abordagem está em consonância com a perspectiva de Saviani, que defende a necessidade de uma educação que vá além da mera transmissão de conhecimentos, incentivando os alunos a pensar criticamente sobre o mundo ao seu redor e a se envolver de forma ativa na construção do conhecimento, como na etapa de instrumentalização. Ao promover programas e projetos educativos em colaboração com as comunidades, os museus podem proporcionar oportunidades para que os visitantes participem ativamente do processo de aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a construção coletiva do conhecimento, como no momento de catarse, que deve apontar para uma nova prática social, transformadora.

Dessa forma, tanto o trecho inicial do texto de Nair de Carvalho quanto o princípio da Política Nacional de Educação Museal que o segue estão alinhados com as concepções pedagógicas de Dermeval Saviani, enfatizando a importância da experiência concreta, da reflexão crítica e da participação ativa dos alunos no processo educacional. Ambos reconhecem o papel fundamental dos museus como espaços de aprendizado e construção de conhecimento, que podem contribuir significativamente para uma educação mais significativa e transformadora. Nesse sentido, a pedagogia proposta por Saviani pode ser considerada para além de um

instrumental analítico, uma proposta de prática pedagógica contemporânea, que tem raízes identificáveis no desenvolvimento histórico da educação museal.

Considerando ainda o Trecho 4, podemos ampliar nossa análise. Nair de Carvalho enfatiza a necessidade de um método de ensino que seja familiar e pouco formal, destacando a importância de evitar abordagens acadêmicas excessivamente teóricas. Esse ponto está alinhado com a visão de Dermeval Saviani sobre a importância do método pedagógico no processo educacional. Saviani (2005) defende um método que seja adequado ao desenvolvimento cognitivo dos alunos, levando em consideração suas experiências prévias e promovendo uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, a abordagem mais familiar e menos formal sugerida por Nair de Carvalho pode facilitar a assimilação do conhecimento por parte dos alunos, tornando o processo educativo mais eficaz.

Além disso, Nair de Carvalho critica o uso excessivo de questionários e a abordagem de "entupir" as crianças com conhecimentos de forma indiscriminada, sugerindo que essa prática é condenável. Essa crítica pode ser relacionada à perspectiva de Saviani sobre o papel da escola na formação dos alunos. Para o autor, a escola não deve apenas transmitir conhecimentos de forma passiva, mas sim promover uma aprendizagem ativa e crítica, que leve em consideração as necessidades e interesses sociais dos alunos. Portanto, a crítica de Nair de Carvalho aos questionários e à abordagem puramente acumulativa de conhecimento está alinhada com a visão de Saviani sobre uma educação mais significativa e transformadora.

Embora, em termos de horizonte pedagógico, a autora se prenda mais ao método do que aos efeitos sociais de seus resultados, a mudança de perspectiva de prática pedagógica que suas ideias ensejaram permitiram a semeadura do campo da educação museal em novas bases, mais críticas e potencialmente transformadoras.

Por fim, o trecho conclui-se ressaltando que os museus têm o potencial de introduzir na educação um elemento visual e sensorial, dirigindo-se tanto à sensibilidade quanto à inteligência. Essa afirmação está em consonância com a perspectiva da Política Nacional de Educação Museal, que enfatiza a importância da experiência direta e tangível proporcionada pelos museus. Ambos os textos destacam a capacidade dos museus de oferecer uma formação integral - como apontado pela PNEM - e envolvente, que vá além da abordagem puramente verbal e teórica.

Assim, ao considerar o Trecho 4, do texto de Nair de Carvalho, em conjunto

com os princípios da Política Nacional de Educação Museal e as concepções pedagógicas de Dermeval Saviani, podemos perceber uma convergência de ideias em relação à importância de uma abordagem educacional mais prática, significativa e envolvente, que leve em consideração as necessidades e características dos alunos.

Ainda sobre o texto “Papel educativo do Museu Histórico Nacional”, observamos a valorização do conhecimento trazido pelo público para o museu, nos seus processos educativos:

[Trecho 10] Muita coisa trazida em nossos dias ao conhecimento do público como novidades ou frutos de recentes experiências, já foi motivo de cogitações, estudos e aplicações práticas do Museu Histórico Nacional” (Carvalho, 1947, p. 26).

Eixo II

Diretriz 5 - Potencializar o conhecimento específico da educação museal de forma a consolidar esse campo, por meio da difusão e promoção dos trabalhos realizados, do intercâmbio de experiência e do estímulo à viabilização de cursos de nível superior em educação museal.

Diretriz 7 - Fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos nos quais ocorrem processos museais, reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação (Ibram, 2017, p.6).

O trecho do texto de Nair de Carvalho destaca o papel do Museu Histórico Nacional como um espaço de estudo e aplicação prática, que antecipa e contribui para o conhecimento público sobre diversos temas. Essa afirmação sugere que os museus têm um papel ativo na geração e disseminação de conhecimento, muito além de serem simples depósitos de objetos históricos. Eles são vistos como locais de pesquisa e experimentação, onde questões complexas são investigadas e onde o conhecimento é gerado e compartilhado com o público.

Ao comparar este trecho com as diretrizes da Política Nacional de Educação Museal, podemos identificar uma conexão entre eles. A Diretriz 5, do Eixo II da PNEM, destaca a importância de potencializar o conhecimento específico da educação museal, promovendo a difusão dos trabalhos realizados nessa área e estimulando a viabilização de cursos de nível superior em educação museal. Essa diretriz busca fortalecer o campo da educação museal, reconhecendo-o como uma área de conhecimento legítima e importante. Assim, há uma consonância entre o reconhecimento do Museu Histórico Nacional como um espaço de estudo e aplicação prática, conforme destacado por Nair de Carvalho, e a necessidade de fortalecer e consolidar o campo da educação museal, conforme expresso na Diretriz mencionada.

Da mesma forma, a Diretriz 7, do mesmo eixo, destaca a importância de fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos nos quais ocorrem processos museais, reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação. Essa diretriz ressalta o potencial dos museus não apenas como locais de exposição e educação, mas também como espaços de pesquisa e produção de conhecimento sobre práticas educativas. Essa abordagem está alinhada com a ideia expressa por Nair de Carvalho de que muitas novidades e experiências são fruto da pesquisa e aplicação prática realizadas nos museus.

Portanto, ao considerar o texto de Nair de Carvalho em conjunto com as diretrizes da Política Nacional de Educação Museal, podemos perceber uma convergência de ideias em relação ao reconhecimento dos museus como espaços de pesquisa, experimentação e produção de conhecimento em educação museal. Ambos destacam a importância dos museus não apenas como locais de preservação do patrimônio cultural, mas também como centros dinâmicos de produção e difusão do conhecimento educacional.

3.2.2 O museu e a criança, de Sigrid Porto de Barros

No texto *O museu e a criança*, de Sigrid Porto de Barros, publicado nos Anais do MHN, em 1948, é possível relacionar 13 trechos 40 vezes com a PNEM, dentre os quais analisaremos alguns sob a ótica da Pedagogia Histórico-Crítica.

Comparando o Trecho 1, retirado do Quadro 3, com os dois primeiros princípios da PNEM, temos:

[Trecho 1] O passado dos museus tornava-os órgãos de preservação e pesquisa. Contudo, modernamente, o conceito vai-se ampliando e eles passaram a lançar mão de recursos eficientes que os credenciam junto à Pedagogia, constituindo atualmente um dos melhores meios usados pela Escola Ativa, sobretudo em países em que o pequeno nível cultural do povo, não exclui a curiosidade do espírito e o desejo de progresso. (Barros, 1952, p. 46).

Princípio 1 - Estabelecer a educação museal como função dos museus reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa.

Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade (IBRAM, 2017, p.4).

O trecho do texto de Sigrid Barros destaca a importância da integração entre

os museus e os planos educacionais vigentes, especialmente dentro do contexto da "Escola Ativa". Essa abordagem pedagógica valoriza métodos mais dinâmicos e participativos de ensino, em contraposição ao ensino meramente verbal e livresco. O texto ressalta que é injustificável que existam museus dissociados dos planos educacionais, enfatizando a necessidade de uma integração entre os dois para uma educação mais eficaz e significativa.

Ao comparar esse trecho com os princípios da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), podemos perceber uma relação direta. O Princípio 1 da PNEM estabelece a educação museal como uma função dos museus, reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores. Essa integração formal da educação museal com as atividades dos museus reflete a ideia expressa por Sigrid Barros sobre a necessidade de os museus estarem alinhados com os planos educacionais vigentes, destacando sua importância como espaços educativos.

Além disso, o Princípio 2 da PNEM destaca que a educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade. Essa abordagem está em consonância com a perspectiva da "Escola Ativa" mencionada por Barros, que busca promover uma educação mais dinâmica e interativa. Ambos os textos enfatizam a importância de uma abordagem educacional que vá além da mera transmissão de conhecimentos, buscando promover o desenvolvimento integral dos alunos por meio de práticas educativas mais participativas e reflexivas.

Barros destaca que os museus modernos utilizavam recursos eficientes que se relacionam com a Pedagogia, indicando uma abordagem prática e planejada para a educação museal. Além disso, ao mencionar a curiosidade do espírito e o desejo de progresso, sugere-se um diálogo constante entre os museus, a sociedade e a Pedagogia, o que aparece no princípio 2 da PNEM que apresenta as dimensões teórica e prática da educação museal, que, sendo planejadas a partir de uma atuação profissional e interessada, colocam o museu como um espaço de mediação para o diálogo com a sociedade.

O trecho 4, selecionado do texto de Sigrid Barros, aponta para a necessidade de integração dos públicos infantis, o que pressupõe uma necessária expertise das pessoas educadoras museais, que envolve a identificação de necessidades dos diferentes públicos, reconhecimento de seus saberes e uma necessária ação de planejamento das atividades educativas no âmbito dos museus.

[Trecho 4] É flagrante que as crianças pensam e aprendem em ritmos muito diferentes e que várias, dentre elas, reagem mal a frases ouvidas, e evidenciam ao contrário, vivacidade e sensibilidade, logo que são chamadas a exercer uma atividade em que entrem com alguma contribuição pessoal. Fica, portanto, excluído o conceito da eficácia de uma visita sem orientação planejada, em que a criança não seja chamada a intervir ativamente. (Barros, 1948, p. 47)

Nesse sentido, a autora apresenta o que seria um diagnóstico e uma identificação de algumas das atribuições de profissionais da educação museal, também presentes no princípio 2 da PNEM, bem como no seu princípio 4 e na diretriz 2, do Eixo que trata da profissionalização das pessoas educadoras:

4 Cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente o Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, levando em consideração as características institucionais e dos seus diferentes públicos, explicitando os **conceitos e referenciais teóricos** e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas (Ibiam, 2017, p.4, grifo nosso).

Eixo II

Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos (Ibiam, 2017, p.6).

Noutra perspectiva de integração, a autora identifica a necessidade de que as escolas organizem museus escolares, que possam colaborar com a criação de hábitos culturais e a compreensão de espaços como museus:

[Trecho 5] Uma visita destas, representa mais um trabalho de preparação, de ambientação da mentalidade infantil, com as coisas de museu. É nesta fase, pois, que as escolas necessitam organizar museus escolares ou museus pedagógicos. (Barros, 1948, p. 53)

Na PNEM (2017, p.7), a ação de criar museus escolares pode-se inserir no contexto da diretriz 5, do Eixo III, Museus e comunidade, que orienta a promoção de “programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico”.

Os modos de fazer essas parcerias e integração entre museus e sociedade aparecem na obra de Sigrid Barros, bem como na PNEM. A autora afirma a necessidade de que seja exaltado o respeito às diferentes atividades humanas, por meio do estímulo à compreensão de um senso de comunidade (Trecho 6). Essa

compreensão também está presente na diretriz 4 do Eixo III da PNEM, que aponta para a necessidade de se respeitarem “as características, as necessidades e os interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária” (Ibram, 2017, p.7)

Em uma síntese que alude à necessidade de existirem diretrizes comuns a museus e escolas, numa perspectiva de políticas pública, Sigrid Porto de Barros (1948, p. 72) afirma que:

[Trecho 12] Em síntese, para forjar a compreensão do entrosamento dos métodos da Escola-Ativa, com os Serviços educativos dos museus, é recomendável um planejamento sistemático de visitas guiadas e de palestras especiais para grupos de professores, tudo isto secundado pelo envio às escolas, ou mesmo Departamentos educacionais, de listas de objetos das coleções museológicas, que tenham qualquer relação com as unidades dos programas escolares vigentes.

Quase 70 anos depois, a PNEM aponta para o reconhecimento da educação museal como ação profissional, estimulando a criação de setores educativos e para a elaboração de Programas Educativos e Culturais, teoricamente referenciados e entendidos como Políticas Educacionais institucionais, com garantia de recursos e de equipes multidisciplinares cujas atribuições estão apresentadas de forma sistematizada, como observamos nos princípios e diretrizes a seguir:

Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.

Princípio 3 - Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.

Eixo I

Diretriz 1 Incentivar a construção do Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, definido a partir da missão do museu, pelo setor de educação museal, em colaboração com os demais setores do museu e a sociedade.

Diretriz 2 - Promover o desenvolvimento do Programa Educativo e Cultural no Plano Museológico e estabelecer entre suas atribuições: missão educativa; referências teóricas e conceituais; diagnósticos de sua competência; descrição dos projetos e plano de trabalho; registro, sistematização e avaliação permanente de suas atividades e formação continuada dos profissionais do museu.

Eixo II

Diretriz 2 - Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos. (Ibiam, 2017, p. 4-7)

Por fim, o trecho 13 enfatiza a importância de o museu buscar ativamente as escolas, utilizando uma propaganda bem orientada e organizando visitas que proporcionem uma experiência educativa significativa para as crianças. O objetivo é envolver os alunos em atividades que os levem a ouvir, observar, discutir, experimentar e comprovar, destacando a importância da interação direta com os objetos e os espaços museais como parte integrante do processo educativo, como se vê no trecho 13: “Que o Museu caminhe ao encontro das escolas, através de uma propaganda bem orientada e que as visitas realizadas levem a criança a ouvir, observar, discutir, experimentar e comprovar”. (Barros, 1948, p. 72).

Ao relacionar esse trecho com as diretrizes quatro e cinco do Eixo III da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), podemos observar algumas conexões como a importância de os programas educativos dos museus respeitarem as características e necessidades das populações locais, bem como promoverem a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural. Ao buscar colaborar com as escolas e organizar visitas, os museus podem contribuir para a valorização da cultura local e o fortalecimento da identidade sociocultural das comunidades envolvidas.

Eixo III

Diretriz 4 - Estimular, promover e apoiar a sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural nos programas, projetos e ações educativas, respeitando as características, as necessidades e os interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária.

Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico (Ibiam, 2017, p.7).

Do mesmo modo, destaca-se a importância de os museus promoverem programas educativos em parceria com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico. Ao buscar ativamente as escolas e envolver as crianças em atividades educativas, os museus podem contribuir para fortalecer os laços comunitários e promover uma educação

mais participativa e crítica.

Observamos nas reflexões do passado e nas orientações da atualidade a importância da interação entre museus e escolas para proporcionar uma experiência educativa enriquecedora para as crianças, e as diretrizes da PNEM destacam a importância de os museus promoverem programas educativos que respeitem as características locais e promovam a participação das comunidades, contribuindo para a sustentabilidade e o pensamento crítico. Ambos enfatizam a importância da colaboração entre museus, escolas e comunidades para uma educação museal eficaz e significativa.

Da mesma forma que pudemos observar na análise do texto de Nair Carvalho, as categorias de análise de Saviani permitem-nos identificar elementos da Pedagogia Nova na obra de Sigrid Barros, como a valorização da aprendizagem, da experiência e da utilização da arte, cultura e espaços como museus numa proposta de educação centrada no educando. Ainda que, numa perspectiva pedagógica que não remete, por sua vez, a uma proposta de transformação social e que não apresenta etapas de um desenvolvimento pedagógico interessado, como proposto na Pedagogia Revolucionária de Saviani, o caráter crítico e emancipador da educação museal está já presente nas proposições de Sigrid Porto de Barros, como método e como princípio.

3.2.3 A mensagem cultural do museu, de Sigrid Porto de Barros

O texto *A mensagem cultural do museu*, publicado em 1952, reforça a ideia da obrigatória integração entre museus e escolas, numa perspectiva sistêmica e não pontual.

[Trecho 1] É compreensível que haja ensino sem auxílio dos museus e suas coleções (comunidades existem em nosso país que não possuem um simples museu regional!), mas é totalmente injustificável que existam museus dissociados dos planos educacionais vigentes, dentro dos modernos ditames da “Escola Ativa”. Há uns vinte e cinco anos, na escolaridade comum, ao conhecimento livresco e ao ensino meramente verbal, sucedeu o emprêgo de métodos visuais. O ensino de História, por exemplo: não mais se restringiria à preleções e memorizações infindas dos temas dados. Passou a ser indispensável que o aluno fosse levado a consultar autores, selecionar temas de novelas, romances biográficos, realizar crítica, enfim. [...] O objetivo a ser atingido, era a formação da consciência social do aluno, através do ensino da História (Barros, 1952, p.219-220).

Princípio 5 - Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com seus

diversos setores (Ibram, 2017, p.4).

Eixo III

Diretriz 1 - Estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação, promovendo a difusão da educação museal, em consonância com a Política Nacional de Educação Museal, visando à formação integral.

Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico (Ibram, 2017, p.7).

O Trecho 1 do texto de Sigrid Porto destaca a importância da integração entre os museus e os planos educacionais vigentes, especialmente dentro do contexto da "Escola Ativa". Essa abordagem pedagógica enfatiza a utilização de métodos visuais e práticos no ensino, buscando promover uma aprendizagem mais dinâmica e participativa, onde o aluno é incentivado a realizar atividades como consultar autores, selecionar temas e realizar críticas. O objetivo é a formação da consciência social do aluno por meio do ensino da História, o que ressalta a importância da educação museal como parte integrante do processo educacional mais amplo.

O Princípio 5 da PNEM enfatiza a importância de assegurar que os museus sejam espaços de educação e promoção da cidadania, integrados com seus diversos setores e colaborando para o desenvolvimento regional e local.

As Diretrizes 1 e 5 do Eixo III da PNEM complementam essa abordagem ao destacar a necessidade de estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação, promovendo a difusão da educação museal em consonância com a PNEM, e ao promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico.

Dessa forma, podemos perceber uma conexão entre o trecho do texto de Sigrid Porto e as diretrizes da PNEM, já que ambos enfatizam a importância da integração entre os museus e os espaços e planos educacionais vigentes, assim como a promoção de uma educação mais participativa, crítica e voltada para a formação integral dos indivíduos. Ambos destacam a necessidade de os museus desempenharem um papel ativo na promoção da educação e da cidadania, colaborando com outros setores da sociedade para alcançar esses objetivos.

A partir da leitura do Trecho 3, da obra de Barros, podemos fazer uma viagem no tempo. A realidade da escassez de recursos, a necessidade de valorização da educação e da cultura em sua dimensão de políticas públicas, o reconhecimento dessas duas atividades/ direitos como essenciais para o desenvolvimento social e a

responsabilidade institucional diante da tarefa de formar novas gerações, que não se percam para o entretenimento fácil e conveniente, são todos elementos que compunham o contexto social de quase um século atrás e que hoje seguem sendo desafios de museus e suas equipes educativas.

[Trecho 3] É comum ouvir-se a alegação de que as atuais condições (materiais, financeiras e de pessoal) de nossos museus e os tipos de visitantes que à eles vêm, não permitem, e mesmo tornam inviáveis, planos assim estruturados. Perguntamos: - A quem, senão à Escola e aos Museu de História, caberá a tarefa elevada de aguçar o espírito de crítica construtiva e sistemática, num mundo em desenvolvimento? Se ambos falharem neste objetivo, evidentemente, as novas gerações encontrarão seus subsídios, de forma natural na literatura, no cinema, na imprensa ou T.V., sob formas nem sempre convenientes (Barros, 1952, p.221).

Esses mesmos desafios, hoje enfrentados por profissionais de educação museal de museus de todo o Brasil, podem encontrar direcionamento entre os eixos da PNEM, conforme destacados abaixo:

Eixo II

Diretriz 7 - Fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos nos quais ocorrem processos museais, reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação (Ibram, 2017, p.6).

Eixo III

Diretriz 1 - Estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação, promovendo a difusão da educação museal, em consonância com a Política Nacional de Educação Museal, visando à formação integral.

Diretriz 4 - Estimular, promover e apoiar a sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural nos programas, projetos e ações educativas, respeitando as características, as necessidades e os interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária.

Diretriz 5 - Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico (Ibram, 2017, p.7).

Relacionando o Trecho 3 com as diretrizes da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), podemos observar diversas conexões; a necessidade de fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos museais reconhece os museus como espaços produtores de conhecimento em educação. Essa diretriz está alinhada com a preocupação expressa por Sigrid Barros sobre o papel dos museus na educação e no desenvolvimento do pensamento crítico nas novas gerações.

A Diretriz 1 do Eixo III destaca a importância de estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação para promover a difusão da educação museal. Barros enfatiza a importância da colaboração entre escolas e museus para

cumprir sua missão educativa. A promoção da sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural nos programas educativos está relacionada à preocupação expressa por Barros sobre a qualidade dos subsídios educativos oferecidos pelas instituições. Garantir a diversidade, o patrimônio cultural e a reflexão crítica é fundamental para uma educação museal eficaz.

A Diretriz 5 do Eixo III, por sua vez, destaca a importância de promover programas educativos em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico. Isso está em linha com a abordagem proposta por Barros, que enfatiza a necessidade de os museus e as escolas se engajarem com as comunidades para promover uma educação mais significativa e crítica. Portanto, as diretrizes da PNEM refletem aspectos importantes destacados por Sigrid Barros em seu texto, enfatizando a necessidade de os museus e as escolas colaborarem para promover uma educação de qualidade que estimule o pensamento crítico e a reflexão nas novas gerações.

Sigrid Barros segue no texto reforçando a necessidade de que museus tenham em suas equipes profissionais especializados no atendimento educativo de seus visitantes, reconhecendo, como o espírito de seu tempo, a função educativa dos museus como algo dado e que precisa de atenção das instituições e seus profissionais.

De maneira geral, a proposta de Sigrid Barros aponta para uma necessária construção da consciência social dos visitantes de museus, apresentada ainda no contexto das Pedagogias Novas, em que a consciência serve mais ao indivíduo do que à transformação da realidade coletiva, o que, por outro lado, considerando o contexto histórico da época e as tendências pedagógicas em curso, não deixa de ser uma proposta inovadora para a educação brasileira.

3.2.4. Nova diretriz para o museu, Dulce Cardozo Ludolf

O texto *Nova diretriz para o museu*, da conservadora de museus, Dulce Cardozo Ludolf (1964), não é uma produção sobre educação museal, suas práticas ou reflexões que apontam para um futuro de políticas públicas e teorias sugeridas. Ainda assim, podemos identificar em nove trechos analisados, em 20 vezes, uma relação com os princípios e diretrizes da PNEM, além de uma convergência com os termos apresentados no glossário do Caderno da PNEM.

Como um texto que trata de uma nova perspectiva de museu, aponta que eles são espaços multirreferenciais, em que o desenvolvimento científico se dá tendo como base as ações de pesquisa, conservação, comunicação e educação, como vemos nos trechos 1 e 2, destacados no Quadro 3:

[Trecho 1] Constata-se, cada dia, um crescente desenvolvimento em todos os ramos da ciência, uma aplicação prática do saber humano em novos campos de atividade.

[Trecho 2] O museu de hoje é um centro de pesquisas. Seus funcionários esmiuçam a origem, a qualidade e o valor dos objetos, preocupam-se com os problemas técnicos de sua apresentação e de sua conservação, com a influência que exercem sobre a educação dos visitantes. (p. 189)

Os trechos relacionam-se com os princípios 1 e 2 da PNEM e com a diretriz 4 do eixo sobre formação, pesquisa e profissionalização da educação museal:

Princípio 1 - Estabelecer a **educação museal como função dos museus** reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa.

Princípio 2 - A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.

Eixo II

Diretriz 4 - **Valorizar o profissional da educação museal, incentivando a formalização da profissão**, o estabelecimento de planos de carreira, a realização de concursos públicos e a criação de parâmetros nacionais para a equiparação da remuneração nas várias regiões do país (Ibram, 2017, p. 4-6, grifo nosso).

A autora destaca a transformação dos museus em centros de pesquisa, onde os funcionários estão envolvidos em esmiuçar a origem, a qualidade e o valor dos objetos, além de se preocuparem com os problemas técnicos de sua apresentação e conservação, bem como com a influência que exercem sobre a educação dos visitantes. Esse entendimento enfatiza o papel dinâmico e multifacetado dos museus na sociedade contemporânea, indo além de meros espaços de exposição para se tornarem locais de investigação, preservação e educação.

Ao relacionar esse texto com a Política Nacional de Educação Museal que estabelece a educação museal como função dos museus, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa, podemos perceber uma conexão clara. Ao

reconhecera educação museal como uma função essencial dos museus, essa política destaca a importância de integrar a preservação, comunicação e pesquisa com a educação dentro das instituições museológicas.

A autora destaca ainda a importância da relação entre pesquisa e educação e entre pesquisadores e públicos, abordando a necessidade do museu realizar ações diversas e integradas de pesquisa e educação, adiantando-se a uma prática de pesquisa que só viria se iniciar no Brasil na década de 1980, quando as primeiras pesquisas sobre educação museal começaram a surgir nas universidades:

O público passa a ter uma importância maior para os pesquisadores, e é com o intuito de interessá-lo e esclarecê-lo que eles se movimentam criando ambientes ao mesmo tempo atraentes e instrutivos e organizando palestras, conferências, visitas explicadas às suas várias galerias, etc. Esse trabalho denominado pesquisa educacional, estabelece os moldes em que devem ser organizadas as exposições, bem como os métodos mais incisivos de apresentação dos objetos. (Ludolf, 1964, p. 193-194).

O texto de Ludolf reflete a integração entre pesquisa e educação no contexto museal ao enfatizar que os museus contemporâneos não são apenas locais de preservação e pesquisa, mas também desempenham um papel fundamental na educação dos visitantes: “São órgãos ativos que se impõem na vida cultural do país, interessando e orientando os estudiosos em todos os ramos da arte e da ciência” (Ludolf, 1964, p. 189). Ao reconhecer que os funcionários dos museus estão preocupados com a influência que exercem sobre a educação dos visitantes, Ludolf destaca a importância da dimensão educativa dos museus em sua missão mais ampla.

Suas ideias podem não apresentar uma associação imediata ou estreita com as ideias da Escola Ativa, até porque a educação não é o foco do texto analisado. Mas a compreensão de que a educação é um eixo importante da atuação do museu reforça o trabalho de suas colegas educadoras, que de forma mais ativa e propositiva apresentaram a pedagogia da Escola Ativa como base para a educação museal de seu tempo.

No trecho 4, do Quadro 3, essas ideias podem aparecer como convergentes:

[Trecho 4] Temos então museus dinâmicos, com funções múltiplas. Ao mesmo tempo que exibem suas coleções promovem cursos e conferências, divulgam em publicações próprias os trabalhos de seus técnicos e atendem, nas seções especializadas, a consultas de todos os gêneros, orientando em

assuntos de arte, indumentária, heráldica, numismática, sigilografia, armaria, etc. (Ludolf, 1964, p. 192)

A partir desse trecho e, ainda, nos trechos 5, 6 e 8, que o complementam, pode-se ainda relacionar com a PNEM a perspectiva profissional da educação museal e seus objetivos pedagógicos, como visto nos trechos destacados das diretrizes 2, 5 e 7 do eixo II:

Eixo II

Diretriz 2 - Reconhecer entre as **atribuições do educador museal**: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e **promover a formação integral dos indivíduos**.

Diretriz 5 - **Potencializar o conhecimento específico da educação museal** de forma a consolidar esse campo, por meio da difusão e promoção dos trabalhos realizados, do intercâmbio de experiência e do estímulo à viabilização de cursos de nível superior em educação museal.

Diretriz 7 - **Fortalecer a pesquisa em educação em museus** e em contextos nos quais ocorrem processos museais, **reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação** (Ibiam, 2017, p.7, grifo nosso).

Por fim, no texto de Ludolf (1964), a partir do trecho destacado, podemos identificar ainda um paralelo possível com os termos “educação museal” e formação integral”, que são apresentados no Caderno da PNEM (2018) como base para a elaboração dessa política.

[Trecho 9] Assim, pois, não é demais afirmar-se que dos conservadores espera-se o conhecimento da arte e da história, em tôdas as suas facetas e ligações complexas com outras ciências; o espírito informativo nas consultas; a paciência e perseverança nas pesquisas; o gôsto estético nas arrumações; a síntese e precisão na elaboração de etiquetas, guias e catálogos (p.198).

O trecho destaca a atuação de conservadores (as educadoras museais da época) como sendo multirreferencial, integrada com as pesquisas dos museus e profissional.

Em síntese, o texto de Ludolf pode ser encarado também como uma consequência, intencional, da influência do trabalho e da produção intelectual de suas colegas conservadoras que atuaram pedagogicamente no MHN, demonstrando o que

a prática e as concepções destas profissionais gerou de conhecimento e reflexão sobre os museus, entendidos como espaços de educação, pesquisa e produção de conhecimento.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Após a análise de alguns dos trechos retirados das obras intelectuais de Nair Carvalho, Sigrid Barros e Dulce Ludolf, identificando suas concepções pedagógicas e comparando-os à PNEM, uma primeira observação possível de se fazer é a de que nem todos os trechos em que se considera possível extrair alusões às concepções pedagógicas presentes nos textos das conservadoras do MHN apresentam correspondentes com os trechos retirados dos princípios e diretrizes da PNEM.

Entretanto, de maneira geral esse paralelo é possível de ser feito, por exemplo, pela identificação da afinidade entre temas tratados, como a necessidade de reconhecimento da profissão do educador no museu, ou da criação de setores educativos nestas instituições.

Dona Nair, como era carinhosamente chamada no universo da Museologia, traçou uma carreira muito relevante no campo, tendo dedicado toda uma vida ao MHN. Publicou 15 artigos nos Anais do Museu Histórico Nacional. Era bibliotecária de formação e foi uma das primeiras alunas do Curso de Museus, de onde saiu já nomeada interinamente para o cargo de conservadora do MHN, em 1937.

Atuou na Inspetoria de Monumentos Nacionais, órgão que precedeu o atual Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural Nacional, na elaboração e reformulação de exposições, fez parte de viagens de estudos, realizou pesquisas, e contribuiu para a elaboração de políticas públicas e legislação na área, além da participação ativa nas ações educativas do museu. Foi docente e coordenadora do Curso de Museus, assumiu a direção interina e vice-direção do MHN, tendo chefiado diversos departamentos técnicos.

A respeito da produção de Nair de Moraes Carvalho, o texto analisado é intitulado “Papel educativo do Museu Histórico Nacional” e foi publicado nos Anais do Museu Histórico Nacional em seu volume 8, de 1947. Foram selecionados 13 trechos do artigo, em que se podem identificar concepções pedagógicas e orientações para a prática educativa em museus. Em 12 desses trechos foi possível traçar paralelos com a PNEM.

De Sigrid Pôrto de Barros, foram analisados dois textos, sendo: “O museu e a criança”, publicado no volume 9 dos Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, de 1948 e “A mensagem cultural do museu”, do volume 13 dos Anais, publicado em 1952.

A conservadora foi chefe da Seção de História e Arte Retrospectiva do MHN, por 15 anos, tendo colaborado tecnicamente para a criação do Museu da República, quando o mesmo ainda era vinculado ao MHN. Designada chefe da Seção de Pesquisa e Assistência Pedagógico-Museográfica da Divisão de Atividades Educacionais e Culturais e da Seção de Pesquisa Museológica, na década de 1970, cumpriu sua trajetória sempre ocupando cargos e funções relacionadas ao trabalho educativo do museu, tendo sido coordenadora do Curso de Museus. Publicou cinco artigos nos Anais, sendo dois deles sobre educação e que são analisados nesta pesquisa.

O texto “O museu e a criança” teve 26 trechos identificados como possíveis de representar concepções pedagógicas da autora, sendo 13 deles comparáveis aos trechos da PNEM. Já o texto “A mensagem cultural do museu” teve quatro trechos identificados, sendo feitos paralelos com a PNEM em todos eles.

Menos comum de figurar entre os estudos sobre educação museal, o texto “Nova diretriz dos museus”, do volume 13 dos Anais do Museu Histórico Nacional, publicado em 1952, da conservadora Dulce Cardozo Ludolf, teve nove trechos em que se podem identificar concepções pedagógicas, sendo que em todos eles foi possível fazer paralelos com a PNEM.

Das conservadoras em destaque, Dulce Ludolf foi a que menos se relacionou com as ações educativas do MHN, embora tenha atuado na realização de muitas delas. Atuou como escriturária, sendo designada posteriormente para a Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional, na década de 1940, quando foi transferida para a Seção de Numismática do MHN, sendo chefe a partir da década de 1960. Foi professora no Curso de Museus e chefe de seu Departamento de Ciências Sociais, na década de 1970. Publicou sete artigos nos Anais, e naquele selecionado para as análises desta pesquisa apresenta uma visão global sobre o papel da educação museal nos museus e no MHN.

Foi possível perceber que, além de integrarem o quadro das referências históricas que constituem as bases da educação museal no Brasil, os textos das conservadoras do MHN apresentam de forma clara e, eventualmente, explícita, as suas concepções pedagógicas.

Do mesmo modo identificam-se pontes entre o seu pensamento e os princípios e diretrizes da PNEM. Tal relação, porém, não representa que, em passado quase um século de sua atuação no MHN, nada mudou.

Muitos avanços no campo teórico, prático e político da educação podem ser percebidos nesse período. De um campo prático que passou a produzir reflexões teóricas, a educação passou a um campo científico. As políticas públicas que tinham nas poucas instituições, como o MHN, sua origem e rara aplicação, passam a se consolidar. Esses avanços tiveram como protagonistas de grande relevância mulheres, que atuaram como educadoras, intelectuais, agentes de políticas públicas e dirigentes no MHN.

Consideramos, portanto, que o museu, a partir desse entendimento, pode ser considerado como um espaço em que os processos educativos possibilitam que sejam tomadas como perspectiva pedagógica as etapas da pedagogia histórico crítica, assim como proposta por Dermeval Saviani. Abre-se então um espaço para que o instrumental analítico desta dissertação possa ser tomado como proposta pedagógica, fundamentada no trabalho prévio das educadoras do MHN, que de forma pioneira propuseram transformações na ação educativa do museu.

Para relacionar o papel do museu enquanto instituição educativa a partir das reflexões de Nair de Carvalho, Sigrid Barros e Dulce Ludolf rumo a esta direção, podemos tomar as etapas de instrumentalização e catarse presentes na Pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani, sendo necessário entender como cada um desses aspectos se relaciona com o objetivo geral da educação.

Nair de Carvalho destaca a importância do museu como um espaço que proporciona uma experiência educativa única e tangível, contrastando com o ensino baseado apenas em livros. Essa abordagem está alinhada com a etapa de instrumentalização da Pedagogia Histórico-Crítica, que enfatiza a necessidade de utilizar diferentes recursos e métodos para facilitar a aprendizagem dos alunos, indo além da simples transmissão de conhecimento.

Sigrid Barros ressalta a necessidade de integração entre os museus e os planos educacionais vigentes, especialmente dentro do contexto da "Escola Ativa". Isso reflete a preocupação com a relevância e a eficácia da educação museal, buscando integrá-la de forma efetiva ao processo educacional mais amplo. Essa integração pode ser vista como uma forma de instrumentalização, na medida em que os museus são vistos como recursos educacionais que podem enriquecer e complementar o ensino tradicional.

Dulce Ludolf destaca o papel dos museus como centros de pesquisa, onde os se pode esmiuçar a origem, a qualidade e o valor dos objetos, além se trabalhar com

influência que exercem sobre a educação dos visitantes. Essa abordagem destaca a importância da pesquisa e da reflexão crítica dentro dos museus, o que está alinhado com a etapa de catarse da Pedagogia Histórico-Crítica, mas ainda coloca a educação museal na perspectiva instrumental.

Na perspectiva da pedagogia crítica, como proposta por Saviani, a catarse envolve a reflexão crítica sobre o conhecimento adquirido, buscando compreender sua relevância e aplicabilidade na vida prática e social.

Essa transformação social, embora não colocada em perspectiva pela Escola Ativa e pelas educadoras, pode ser considerada como presente na Política Nacional de Educação Museal, que pretende intervir em instituições, no poder público e na atuação dos profissionais de educação museal, de forma a fazer a educação museal uma ação consciente e integrante das políticas públicas de museus.

As orientações da PNEM fornecem diretrizes para garantir que os museus desempenhem efetivamente seu papel educativo, numa perspectiva que foi historicamente construída. Isso inclui estabelecer a educação museal como uma função dos museus reconhecida nas leis, promover programas educativos em colaboração com as comunidades e fortalecer a pesquisa em educação nos museus. Essas diretrizes podem ser vistas como uma forma de instrumentalização e catarse a partir da Pedagogia Histórico-Crítica, na medida em que buscam integrar a educação museal ao contexto educacional mais amplo e promover a reflexão crítica sobre o papel dos museus na sociedade, transformando os espaços de educação escolar, museal e a sociedade como um todo.

Em síntese, o que queremos propor aqui é que a Pedagogia Histórico-Crítica pode ser utilizada tanto como ferramenta de análise do processo histórico de formação da educação museal enquanto campo prático, teórico e político, como referência para sua consolidação e desenvolvimento contemporâneo, tomando como base suas experiências históricas.

Tomando a periodização da História da Educação Museal do Brasil, conforme proposta por Andrea Costa, Fernanda Castro e Ozias Soares (2020), capítulo do livro 1, da série *Educação Museal: conceitos, história e políticas*, intitulado “Por uma história da educação museal no Brasil”, em que os autores dividem o processo de desenvolvimento da educação museal em três fases: (1) a criação dos primeiros museus; (2) a institucionalização dos processos educativos por meio da criação de setores educativos e (3) o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, profissionais e

das políticas públicas de educação museal, é possível identificar a relevância do trabalho intelectual das três autoras aqui analisadas para o processo de consolidação da educação museal nas suas dimensões prática, teórica e política.

Partindo da teoria de Saviani, é possível identificar que o trabalho pedagógico das educadoras da primeira metade do século XX no MHN realizou ações que partiram da prática social, passaram pela problematização e alcançaram um nível em que o museu, seus acervos e ações puderam elevar a educação museal ao nível da instrumentalização. Nesse sentido, avançaram para além do que a própria Escola Ativa propunha, talvez não de uma forma consciente.

Porém, correspondendo aos pressupostos da Escola Ativa, categorizada por Saviani como Pedagogia Nova, a atuação pedagógica dessas mulheres no MHN deu-se num contexto de reação às abordagens tradicionais de ensino, buscando promover uma educação mais dinâmica, participativa e centrada no visitante, que valorizava sua atividade, a experimentação, a prática e a aprendizagem pela experiência com os objetos e espaços do museu.

A dimensão da transformação social enquanto prática e objetivos pedagógicos, todavia, pode ter estado ausente das propostas pedagógicas museais baseadas na Escola Ativa. Porém, como apontado por Faria e Castro (no prelo), no artigo “Pontes entre passado e futuro: observações sobre gênero e a educação museal no Brasil entre 1958 e 2018”, a análise das obras dessas mulheres aponta que, desde sua época, estão colocados alguns dos desafios que ainda persistem no campo e para os agentes da educação museal no Brasil, como:

- a ampliação da relação museu-escola, representada por uma maior visitação aos museus;
- a realização de formação de professores voltada à promoção da integração entre museus e escolas;
- a carência de transporte para realização de visitas a museus, geralmente ausentes na maior parte dos municípios ou comunidades;

- a frequência majoritária de classes sociais abastadas aos museus e a necessidade de popularização desses espaços, especialmente em relação à sua função educativa;
- a necessidade do reconhecimento da função educativa dos museus por meio da criação de setores educativos nas instituições e da contratação de profissionais especializados no trabalho educativo, para desenvolvimento de programas, projetos e ações de educação museal.

Somam-se a estes desafios outros que, agora, na terceira década do século XXI, quase 100 anos depois, só são possíveis de serem pontuados após as conquistas que nossas antecessoras proporcionaram, ainda que de forma tímida ou que não tenham se dado a partir do levantamento de bandeiras. A questão das mulheres negras, LGBTQ+, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, ciganas e tantas mais, que educam, lutam e fazem história em museus e Pontos de Memória, aparece como objeto das políticas públicas graças aos avanços que o próprio campo impõe a cada conquista, ensejada por pioneiras e por coletivos.

E, como sinal de esperança e continuidade, do que talvez seja uma herança de gênero na educação museal, observamos que, sendo maioria entre profissionais de educação museal, as mulheres carregam na forma de conteúdo, luta e tradição pedagógica, a garra de enfrentar desafios e garantir que o campo venha se desenvolvendo em quase 100 anos de história.

Pioneiras na educação museal, as educadoras do MHN produziram reflexões teóricas e práticas - atualizadas com as concepções pedagógicas de sua época, no contexto de sua classe social, que deram substância para se pensarem futuras políticas públicas de educação museal, como a PNEM.

Nas convergências identificadas, vemos pontos estratégicos:

- reconhecimento da profissão do educador no museu;
- a criação de setores educativos nestas instituições;

Tendo como base a atuação pedagógica dessas (e de outras mulheres) o campo da educação museal passou de prático e reflexivo a teórico e político, as políticas públicas de institucionais a governamentais.

Em termos históricos, essas pioneiras abriram caminho para que a política pública de educação museal tenha se desenvolvido em perspectiva crítica e voltada para a transformação social.

Desafios ainda são presentes, mas, inclusive graças a estas mulheres, reconhecidas e visibilizadas, são mais possíveis de identificarem-se e de tornarem-se novas conquistas.

Esperamos que as breves demonstrações dos laços entre a ação pioneira de mulheres na educação museal de ontem e hoje, seja na elaboração teórica e conceitual, seja na composição ativa do campo profissional, possa inspirar ainda muitas outras mulheres a seguir lutando e construindo a educação museal como espaço de transformação social e de reconhecimento e ação de diversos protagonistas mulheres.

A Presidenta que vos fala pode dizer: não é fácil protagonizar as transformações sendo mulher. Mas não fazemos isso sozinhas. Ter as manas do lado e como inspiração é imprescindível e já é incontornável.

Sejamos todas protagonistas! Sejamos juntas!

Figura 4 - Encontro Nacional de Educação Museal - EMUSE. 6 a 8 de julho de 2023



Fonte Imagem: www.emusemuseus.org.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. A função educativa dos museus de Bertha Lutz uma peça (quase) esquecida do quebra-cabeça da museologia no Brasil. In: **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, nº 2, p. 123-132, jul./dez. 2013 – p. 123-132. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/54883>. Acesso em 2 de março de 2022.
- BARROS, Sigrid Pôrto. A mensagem cultural do Museu. **Anais do Museu Histórico Nacional**, vol. XIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p.216-228. [? 1952].
- BARROS, Sigrid Pôrto. O Museu e a Criança. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 46-73, 1958.
- BRULON, Bruno. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. In: **Cadernos Pagu** (55), 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656393>. Acesso em 2 de março de 2022.
- CARVALHO, Nair de Moraes. Papel Educativo do Museu Histórico Nacional. **Anais do Museu Histórico Nacional**, vol. VIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. p.18-30. [Volume atribuído ao ano 1947].
- CASTRO, Fernanda. **Construindo o campo da educação museal: um passeio pelas políticas públicas de museus no Brasil e em Portugal**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/40078885/CONSTRUINDO_O_CAMPO_DA_EDUCA%C3%87%C3%83O_MUSEAL_um_passeio_pelas_pol%C3%ADticas_p%C3%ABlicas_de_museus_no_Brasil_e_em_Portugal. Acesso em 2 de março de 2022.
- CASTRO, Fernanda; MARTINS, Larissa Caroline. Mulheres na Educação Museal: notas sobre a sua presença no Museu Histórico Nacional entre 1922 e 1958. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário. **SOCIOMUSEOLOGIA: PARA UMA LEITURA CRÍTICA DO MUNDO**. Lisboa: Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED), Departamento de Museologia-Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Catedra UNESCO “Educação Cidadania e Diversidade Cultural”, 2021, p.181-204. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/sociomuseologia_leitura_critica_mundo-com_capa_final_rev_carolina-copiar.pdf. Acesso em 25 de setembro de 2022.
- COSTA et. al. Educação Museal. In: **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: Ibram, 2018. p. 73-75. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em 2 de março de 2022.
- COSTA, Andréa Fernandes.; CASTRO, Fernanda.; SOARES, Ozias. Por uma história da educação museal no Brasil. In: COSTA, Andréa Fernandes; CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias (Orgs.) **Educação museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL: um exercício de escrita no campo dos museus. *In: Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST – vol.13, no2, 2020.* Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216038>. Acesso em 25 de julho de 2023.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Educação em museus: um mosaico da produção brasileira de 1958. *In: Revista Mouseion, Canoas, n. 19, dez. 2014, p. 53-66, Unilasalle.* Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1867/1235>. Acesso em 2 de março de 2022.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. **Educar no museu: o Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958).** 2017. 296 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. **O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: o Curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958).** 2013. 234 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. (2021). Sigrid Pôrto de Barros: Uma intelectual-mediadora no campo dos museus. **Estudos Ibero-Americanos**, 47(3), e39915.

FIGURELLI, Gabriela R. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. *In: Revista Museologia e Patrimônio*, vol.4, n.2, 2011, p. 111-130. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/208/169#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20pode%20ser,um%20espa%C3%A7o%20restrito%20na%20institui%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 2 de março de 2022.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento. Dilemas da justiça numa era pós socialista. *In: Cadernos de Campo*, São Paulo, n.14/15, 2006, pp. 231-239. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50109/54229>. Acesso em abril de 2023.

GOUVEIA, Inês. **Waldisa Rússio e a Política no Campo Museológico.** 2018. 375 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPGPMUS-UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, 2018.

IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal.** Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em 20/04/2024.

IBRAM. **Documento Final da Política Nacional de Educação Museal.** Brasília: Ibram, 2017. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Documento-Final-PNEM.pdf>. Acesso em 20/04/2024.

IBRAM. **Pesquisa Educação Museal Brasil - PEMBrasil**, 2023. Disponível em: <https://obec.ufba.br/pesquisa-educacao-museal-brasil/painel-de-dados-pem-brasil-ibram/#:~:text=Realizada%20entre%202022%20e%202023,um%20Fa%20profissional%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 20/04/2024.

IBRAM. **Portaria nº 605, de 10 de agosto de 2021**, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal - PNEM e dá outras providências. Brasília: Ibram, 2021. Disponível em: <https://antigo.museus.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/Portaria-ibram-n605-de-10-de-agosto-de-2021.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2024.

KNAUSS, Paulo. A presença de estudantes o encontro de museus e escola no Brasil a partir da década de 50 do século XX. In: **Revista Varia História**, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: p.581-597, jul/dez 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/XCjWQf5JrtfxNCF8tqwYvtf/?lang=pt>. Acesso em 2 de março de 2022.

LOPES, Maria Margaret. Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais. In: **Musas - Revista brasileira de museus e museologia**, nº 2, 2006, p. 41-47. Rio de Janeiro: Iphan-DEMU. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/04/Musas2.pdf>. Acesso em 2 de março de 2022.

LOPES, Maria Margaret. Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.73-95, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/mpZwTTwgsiyqpXXRqZ6hMSD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 31 de março de 2022.

LUDOLF, Dulce Cardozo. Nova Diretriz para o Museu. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. XIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p.189-200. [Volume atribuído ao ano 1952].

MARTINS, Heloisa. Helena. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, mai.-ago. 2004.

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/publico/LUCIANA_CONRADO_MARTINS.pdf. Acesso em 2 de março de 2022.

OLIVEIRA, A. C. A. R. de. Colecionismo a partir da Perspectiva de Gênero. In: **Museologia & Interdisciplinaridade**, 2018, n.7(13), 15–30. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17753>. Acesso em 2 de março de 2022.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A identidade ainda será a espinha dorsal dos museus? Questões sobre o uso e o abuso da memória. In: **Anais do Museu**

Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 43, p. 11-40, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20131/3/2011_art_frlramos.pdf. Acesso em 2 de março de 2022.

RECHENA, Aida Maria D. Museologia Social e Gênero. *In: Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social*, 2014, p. 153-174. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2601> Acesso em 25 de setembro de 2022.

RECHENA, Aida Maria D. **Sociomuseologia e gênero: imagens da mulher em exposições de museus portugueses**. Tese de Doutorado, Faculdade Funcional de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011, 397 p. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/aida_rechena.pdf. Acesso em 2 de março de 2022.

SÁ, I. C. ; SIQUEIRA, Graciele Karine . **Curso de Museus-MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional**. 1. ed. Rio de Janeiro: Escola de Museologia-UNIRIO, 2007. v. 500. 269p .

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAVIANI, Dermeval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Campinas, UNICAMP, Projeto “20 anos do HISTEDBR”, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4430725/mod_resource/content/1/3%20-%20D_Saviani_Concep_Pedag_Hist_Educ_Brasil_2005.pdf. Acesso em 2 de março de 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 1999. Disponível em: <https://petpedufba.files.wordpress.com/2016/02/savianidermeval-escolaedemocracia.pdf>. Acesso em 2 de março de 2022.

SEOANE, Raquel Villagrán Reimão Mello. **REVERBERANDO AS MUSAS: Perspectivas sobre representatividade feminina nos Museus, na Museologia e no Patrimônio a partir da atuação das egressas do Curso de Museus das décadas de 1930, 1940 e 1950**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - UNIRIO, 2022. Disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/raquel_villagran_reimo_mello_seoane.pdf. Acesso em 25 de julho de 2023.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de. **Educação e Profissionalização de Mulheres. Trajetória Científica e Feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)**' 01/07/2009 175 f. Mestrado em HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, RIO DE JANEIRO

TELLES, Angela C. da M. Apontamentos sobre a história das atividades educativas no Museu Histórico Nacional. 1922-1968. *In: Anais do Museu Histórico Nacional*, v.29, 1997, p. 187-210. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1997. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/39/Anais%20do%20Museu%20Hist%C3%B3rico%20Nacional%2C%20v.%2029%2C%20ano%201997>. Acesso em 20 de abril de 2024.

THIESEN, I. Memória institucional: um conceito em definição. In: **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, 1995. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/40923>. Acesso em: 24 jul. 2023.

VALENTE, Maria Esther; CAZELLI, Sibelle. Incursões sobre os termos e conceitos da educação museal. In: **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 2, mai-ago, 2019, p. 18-40. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/40729>. Acesso em 2 de março de 2022.

VAQUINHAS, Irene. Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história, In: **Revista MIDAS [Online]**, 3 | 2014. Disponível em: [https://journals.openedition.org/midas/603#:~:text=Na%20atualidade%2C%20os%20museus%20da,articulam\)%20com%20as%20mudan%C3%A7as%20sociais](https://journals.openedition.org/midas/603#:~:text=Na%20atualidade%2C%20os%20museus%20da,articulam)%20com%20as%20mudan%C3%A7as%20sociais). Acesso em 2 de março de 2022.

VENANCIO JUNIOR, ANDRE LUIZ. **A CONCEPÇÃO DE MUSEU EDUCATIVO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE BERTHA LUTZ NO MUSEU NACIONAL (1922-1932)** 23/03/2017 140 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro.